

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL
HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS

MOISÉS DAMIAN BONNIEK ALMEIDA CESAR

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DE UMA LITERATURA ANGOLANA ANTICOLONIAL

CACHOEIRA – BA

2020

MOISÉS DAMIAN BONNIEK ALMEIDA CESAR

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DE UMA LITERATURA ANGOLANA ANTICOLONIAL

Relatório dissertativo integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, produção de um site educativo, submetido ao Programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição

CACHOEIRA – BA

2020

C421e Cesar, Moisés Damian Bonniek Almeida
o Ensino de história através de uma literatura angolana
anticolonial. / Moisés Damian Bonniek Almeida Cesar. Cachoeira, BA,
2020.
115f., il.

Orientação: Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia, Centro Artes, Humanidades e Letras, Mestrado Profissional em
História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Bahia, 2020.

1. Angola - História. 2. História – Estudo e ensino. 3. História da
África. 4. Literatura I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 967.3

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária do CAHL - UFRB.
Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (*Bibliotecária – CRB-5/ 1396*)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

MOISÉS DAMIAN BONNIEK ALMEIDA CESAR

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DE UMA LITERATURA ANGOLANA ANTICOLONIAL

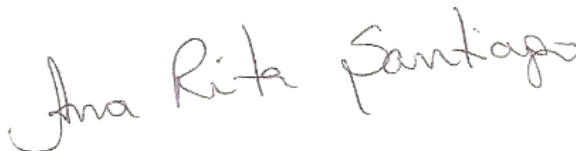
Relatório dissertativo apresentado ao programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UFRB, sob orientação do Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição.

Aprovado, 03 de julho de 2020.


Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição (UFRB – Orientador)



Prof. Dra. Ana Rita Santiago (UFRB – Examinadora externa ao Programa)



Prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos (UNEB – Examinador externo à instituição)

Cachoeira-BA
2020

À Zenaide, que acreditou mais em mim que eu mesmo.

Ao Inácio, maior razão de todos os próximos passos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Esta parte desse trabalho reúne duas características que não costumam aparecer juntas na construção de um texto: trata-se da mais prazerosa e ao mesmo tempo a mais complicada.

Escrever esses agradecimentos é muito agradável por inúmeros motivos, dentre os quais destaco que nada do que eu digitar nessas linhas consegue expressar o tamanho da minha gratidão a todos que me auxiliaram durante todo esse processo, essa etapa de minha caminhada.

Ao mesmo tempo, sei que posso estar cometendo muitas injustiças, ao não citar nomes ou não fazer as devidas referências, dificultando demais a colocação das palavras nessa seção.

Pra começar, quero agradecer de modo especial ao meu orientador, o professor Juvenal de Conceição Carvalho, sem dúvidas o principal responsável por esse trabalho ter adquirido tamanha qualidade e maturidade de acordo com a proposta inicial. Se eu fui o executor, Juvenal (Juvena, como gosto de chamá-lo) foi o grande maestro da obra. Dentre as diversas situações que eu poderia relatar aqui para retratar sua importância nesta pesquisa, faço menção a dois momentos fundamentais: quando ele acreditou em minha proposta de trabalho com a literatura angolana e me encorajou a ir adiante, me dando uma confiança ímpar, a qual acabou sendo decisiva para que eu conseguisse desenvolver os estudos; e sua sensibilidade e grandeza de caráter ao compreender uma fase complicada pela qual eu estava passando, o que me ajudou muito a lidar com a situação e superar os problemas com serenidade. Juvenal, além de um excelente orientador, do ponto de vista teórico-metodológico, mostrou o quanto é um cara extremamente humano, e com isso desenvolvemos uma ótima parceria, que se refletiu na elaboração de um produto didático de

boa qualidade e relevância para nossos professores da educação básica trabalharem com a História da África.

Agradeço muito a meus pais, Lucidalva e Wilson, por todo o apoio de sempre, mãe e pai na acepção da palavra, em tudo de positivo que podem proporcionar a um filho. O sucesso nesse objetivo é deles também, sem dúvidas.

No Programa de Mestrado em História da África (PPGMPH) são muitas pessoas, e com certeza seria impossível citar todos os nomes. A todos, meus sinceros agradecimentos. Faço uma menção especial ao coordenador do curso, o professor Antonio Liberac, grande parceiro no trabalho junto a esse Programa importantíssimo para toda a comunidade do recôncavo nas adjacências da cidade de Cachoeira, e que abarca e abraça também profissionais e estudantes vindos de diversas outras partes, dispostos a contribuir com a educação voltada para o amplo desenvolvimento e aplicação dos estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras. À professora Fabiana Comerlato e o professor Claudio Orlando, que trabalharam comigo na coordenação do programa e sempre me incentivaram muito. Ao professor Emanuel Roque, grande sujeito, que me deu o maior apoio desde o início e tá sempre me falando “depois vem o doutorado, Moisés!”. Aos colegas da secretaria do mestrado, juntos no trabalho na UFRB. À todos os professores do programa que de diversas formas me deram uma palavra e/ou uma ideia que contribuiu para essa pesquisa.

Esse trabalho acadêmico contou com valiosas participações, que lapidaram e concretizaram a proposta inicial, transformando-a em um material didático consistente e exequível. Nesse quesito, quero destacar as contribuições de Ana Rita Santiago e Wilson Roberto de Mattos, excelentes professores e pesquisadores que trouxeram suas provocações e sugestões nas bancas de qualificação e defesa. Menção muito especial também à turma do quinto semestre em 2019.1 do curso de pedagogia da Universidade

Estadual de Feira de Santana (UEFS) e ao professor José Augusto Ramos da Luz, meu supervisor no estágio docente, grande sujeito, pesquisador e docente de mão cheia.

Não poderia deixar de falar de minhas queridas colegas de minha turma nesse mestrado. Digo “minhas” por que a maioria é formada por mulheres! Os colegas foram fundamentais em diversos momentos, nas aulas, nas discussões, nas resenhas. Menções muito especiais a minhas amigas Kátia “Cebolinha”, Thaia, Nathalia e Lucilene. Um “salve” especial a Guilherme e Maiane. Meu “muito obrigado!” a todas e todos.

Fora do ambiente acadêmico, é tanta gente pra agradecer que fico previamente constrangido em esquecer muitos nomes, aos quais peço desculpas antecipadamente. Ao meu primo Bruno, estudante de direito na UEFS, que pegou livros pra mim na biblioteca desta universidade; aos amigos e colegas do IFPE, onde trabalhei em Pernambuco, e mantivemos contato; aos rapazes do AJF (Exelby, Galego, Nick e Rafael), que tiveram muita paciência (nem tanto! Risos) com minhas ausências nos “babas” por conta dos estudos e são meus companheiros de toda a vida; a todas as amigas (Claudia, Fanha e Rittinha em destaque) e amigos (“salve” meus parceiros Beto e Júnior) que me ajudaram de diversas formas. Aos que infelizmente não estão mais aqui em vida! Agradeço demais a todos vocês!

Às minhas filhas de quatro patas (Clementina, Lilica e Melissinha), que trazem tanta felicidade e leveza à minha vida. Aos meus sobrinhos, Mariana e Sebastian, amores do titio.

Por fim, deixo aqui um parágrafo totalmente dedicado a minha irmã, amiga e companheira Suzana, que entrou comigo como estudante desse mestrado, e já era minha irmãzinha muito antes disso. Um parágrafo não é nada comparado à importância que essa pessoa representa em minha vida, mas é o mínimo que posso fazer para homenageá-la nesse momento! Impossível conseguir traduzir em palavras as qualidades dessa sujeita maravilhosa. A amizade dela é dessas que fazem a gente perceber facilmente o quanto a vida vale a pena!

Sem dúvidas sou um privilegiado em contar com tanta gente excelente ao longo de toda minha vida, e que de diversas formas contribuíram pra meu desenvolvimento, meu crescimento acadêmico e sobretudo humano, num caminho que vai sendo traçado passo a passo, e que nesse momento conclui uma importante etapa, que certamente vai render ótimos frutos para toda a coletividade.

Estarei sempre em transformação, sempre em movimento, e mantendo meus princípios e valores de cuidado com o social, do bem-estar comunitário, de um sujeito de esquerda convicto, que respeita as individualidades e busca o conhecimento para continuar produzindo de acordo com tudo em que acredita.

RESUMO

Este texto dissertativo apresenta a concepção de um material didático de apoio aos professores de história do ensino médio, na forma de um site, intitulado “História e Literatura: Angola e a luta anticolonial”, tendo como objeto de análise quatro obras literárias produzidas pelos romancistas angolanos Luandino Vieira e Pepetela durante o período de luta pela independência de Angola. O site contém resumos, análises e sugestões de atividades, dentre outras importantes informações, no sentido de constituir uma ferramenta interdisciplinar para auxiliar os docentes no trabalho pedagógico no campo da história da África. O processo de construção e as bases, teórico-metodológica, utilizadas na elaboração, bem como a descrição de estrutura do material didático e as motivações para a escolha dos objetos de pesquisa apontados encontram-se detalhados neste texto dissertativo que acompanha o material. O produto final em questão atende a lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino do país.

Palavras-chave: História da África; Literatura; Ensino; Independência de Angola; Luta Anticolonial.

ABSTRACT

This essay presents teaching material to support high school history teachers, in a website format, entitled "History and literature: Angola and anticolonial struggle", with the object of analysis four literary works produced by angolan novelists Luandino Vieira and Pepetela during the period of struggle for Angola's independence. The site contains summaries, analyzes and suggestions for activities, among other important information, without meaning to constitute an interdisciplinary tool to assist documents in pedagogical work in the field of African history. The construction process and as bases, theoretical-methodological, used in the elaboration, as well as a description of the structure of the didactic material and as motivations for the choice of the research objects pointed out for the tests pointed out for the items detailed in this essay text that accompanies the material. The final product in question complies with Law 10.639/2003, which established the mandatory teaching of African History and Afro-Brazilian Culture in the country's educational requirements.

Keywords: History of Africa; Literature; Teaching; Independence of Angola; Anticolonial struggle.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1 – Vida e obra do autor: Pepetela	31
1.1 – <i>As Aventuras de Ngunga</i> e a cartilha do guerrilheiro na guerra anticolonial	36
1.2 – <i>Mayombe</i> e a visão dos guerrilheiros na luta pela libertação	45
2 – Vida e obra do autor: Luandino Vieira	59
2.1 – <i>Luuanda</i> e a resistência cultural nos bairros populares	63
2.2 – Memória e identidades em <i>Nosso Musseque</i>	70
3 – O ensino de história da África no Brasil.....	78
4 – Considerações Finais.....	87
5 – Anexos.....	89
5.1 – Mapas.....	89
5.2 – Glossário.....	103
6 – Referências.....	111

INTRODUÇÃO

A literatura pode colaborar de modo consistente com o ensino de história. No caso dos países africanos alvos da invasão colonial portuguesa, a formação, organização e fortalecimento dos movimentos pela independência contaram com intensa participação de escritores. Decorrente disso, a literatura angolana, com obras inseridas em tal momento histórico, concebidas por autores que combateram pela independência do país, possibilita o enriquecimento da compreensão a respeito das lutas de libertação e do contexto de resistência das populações angolanas contra a opressão colonial.

Tendo como objeto de análise quatro obras¹ literárias produzidas pelos angolanos Luandino Vieira e Pepetela durante o período de luta pela independência de Angola, elaborei um material didático de apoio aos professores de história do ensino médio, na forma de um site intitulado “História e Literatura: Angola e a luta anticolonial”², contendo resumos, análises e sugestões de atividades, dentre outras importantes informações, no sentido de constituir uma ferramenta interdisciplinar para auxiliá-los no trabalho pedagógico no campo da história da África.

No que concerne à interdisciplinaridade, história e literatura são campos do conhecimento com amplas possibilidades de interconexões. Historiadores e literatos aproximam-se em seus modos de exposição, tendo em vista o interesse em chamar a atenção dos leitores com a construção de narrativas apazíveis. Fundamentalmente, a separação se dá nos objetivos e no compromisso com as fontes, pois enquanto o historiador se compromete com a busca pela aproximação da verdade dos fatos, com o rigor metodológico no escrutínio de suas fontes, o romancista trabalha com a ficção, com a liberdade imaginativa. Segundo Sandra Pesavento,

A recorrência do “uso” de um campo pelo outro é, pois, possível, a partir de uma postura epistemológica que confronta as tais narrativas, aproximando-as num mesmo patamar, mas que leva em conta a existência de um diferencial. Historiadores trabalham com as tais marcas de historicidade e desejam *chegar lá*. Logo, frequentam arquivos e arrecadam fontes, se valem de um método de análise e pesquisa, na busca

1 *As Aventuras de Ngunga e Mayombe*, de Pepetela; *Luuanda e Nosso Musseque*, de Luandino Vieira.

2 <https://mbonniek.wixsite.com/historiaeliteratura>

de proximidade com o real acontecido. Escritores de literatura não tem este compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido. Mas, em princípio, o texto literário precisa, ele também, ser convincente e articulado, estabelecendo uma coerência e dando *impressão* de verdade. Escritores de ficção também contextualizam seus personagens, ambientes e acontecimentos para que recebam aval do público leitor. (PESAVENTO, 2006, p. 6)

A respeito das interconexões entre esses dois campos do conhecimento, sobretudo no que podemos encontrar da história nos textos literários, Inocência Mata considera que

a dialéctica da relação entre literatura e história na escrita que tem a História como material substantivo é de complementaridade entre os dois discursos. O escritor, mormente o romancista, interage com o passado como um historiador cujo objectivo visa uma refamiliarização com os eventos que, por constrangimentos da história, foram esquecidos ou foram estrategicamente obscurecidos. (MATA, 2010, p. 2)

Na literatura, temos situações em que o escritor optou por fazer referências históricas explícitas a fatos ou acontecimentos para embasar explicações, defender posicionamentos, dentre outras possibilidades de interações, e também podemos observar a história de modo implícito nas narrativas, cabendo aos profissionais da história desvendarem as marcas históricas na escrita literária, na descrição dos contextos, das mentalidades, dos aspectos culturais.

O semiólogo e romancista italiano Umberto Eco, nascido em 1932, diz que a narrativa ficcional é como um bosque, no qual o leitor pode definir o caminho que seguirá e a cada passeio busca outra trilha, assumindo seu papel de continuador da imaginação que se iniciou na escritura do livro. Mas o fato da criação percorrer todo o processo ficcional não leva nenhuma obra desse gênero a ignorar seu tempo: a base de todo texto é sempre a experiência histórica, seja individual ou coletiva. Obviamente isso não significa que o texto se refira clara, direta ou explicitamente a essa experiência. Pelo contrário, inúmeras vezes é preciso decifrar os sinais que a obra ficcional traz para, por meio deles, encontrar a história – uma operação que nem sempre é simples. (PINTO, 2012, p. 31)

Após o movimento historiográfico da Escola dos Annales e o desenvolvimento da História Cultural, tivemos uma ampliação da noção de fontes históricas e objetos a serem estudados pela disciplina. Recursos como imagens, fotografias, pinturas, cinema, romances, relatos orais, dentre outros, passaram a ser considerados para a apreensão do conhecimento histórico. Nessa esteira, foi desenvolvida uma abordagem interdisciplinar da História atravessada pela noção de cultura, incorporando em suas análises outros campos

de conhecimento importantes para uma melhor compreensão dos fenômenos sociais, tais como a Antropologia, a Literatura, a Psicologia, a Sociologia, a Geografia.

Além da inserção da literatura no campo de estudos historiográficos, pode-se destacar a participação de escritores literários, poetas e romancistas, nos movimentos de libertação, no que se refletiu em muitas de suas produções. No caso angolano, conforme o quadro geral dos territórios africanos que sofreram com as intervenções coloniais portuguesas, a opressão por parte da metrópole, sobretudo durante a ditadura salazarista (1933 a 1974), gerou reações de diversos setores, fomentando a gênese de uma literatura de combate pela independência.

Na década de 1940, o governo português, no esteio de sua repressão a quaisquer movimentos contestatórios nas colônias, criou a Casa dos Estudantes do Império Português (CEI), associação cultural com o objetivo de formar os estudantes africanos como seus aliados, mas que acabou resultando num efeito contrário aos interesses lusitanos, por conta do florescimento dos ideais emancipatórios mediante o contato entre os intelectuais oriundos das colônias. De acordo com Leila Hernandez,

... foi, sem dúvida, a “Casa dos Estudantes do Império Português” o centro efetivo de reunião dos estudantes das colônias, dela participando Vasco Cabral, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Luís Motta e Marcelino dos Santos, entre outros. Instituída pelas autoridades salazaristas pouco antes da Segunda Guerra Mundial, paradoxalmente foi o lugar onde vieram a ser discutidos temas como a independência, a unidade africana, o desenvolvimento e o socialismo, além de se pensar na organização da luta por esses ideais. (HERNANDEZ, 2005, p. 521)

A respeito da relevância dos movimentos literários na história angolana, Rita Chaves afirma que

Tal como é comum suceder nos espaços periféricos, a história das Letras em Angola se mistura ostensivamente à história do país. Para sermos precisos, vale dizer que ali o processo literário se fez seguindo a linha das lutas para conquistar a independência nos mais diversos níveis. Surgindo no aperto do contexto colonial, a Literatura Angolana marcou-se pelo selo da resistência e, sobretudo a partir dos anos 1940, alinhou-se entre as forças decididas a construir a nacionalidade angolana, participando de movimentos empenhados na construção de uma identidade cultural. (CHAVES, 2005, p. 20).

As movimentações dos intelectuais ligados à CEI fomentaram uma escrita literária, sobretudo na poesia inicialmente, que valorizava as culturas locais angolanas em contraposição ao domínio cultural imposto pela metrópole.

A construção desta literatura mais combativa e propositiva de bases nacionais teria força, em Angola, principalmente através da poesia, sendo que o romance ganharia mais fôlego somente a partir da década de 1950. A prosa feita até então era muito marcada ainda pelas características da literatura colonial, onde os angolanos eram vistos como parte de um mundo exótico africano, não merecendo, portanto, nenhum protagonismo na literatura. (PINTO, 2017, p. 116)

Segundo Rita Chaves, até esse momento, “esta falta de uma análise mais profunda e complexa sobre os povos naturais de Angola e de suas tradições culturais era um reflexo da falta de protagonismo dos próprios angolanos em sua história.” (CHAVES, 2005, p. 73). A partir da década de 1950 começou a ser produzida uma prosa literária indo ao encontro desse protagonismo. Analisando essa literatura combativa, a autora afirma que

...o gesto de refletir incisivamente sobre a formação da realidade que o rodeia e as formas que ela vai ganhando é um ato de resistência quase natural ao escritor angolano. Vivendo a experiência de um presente hostil, experimentando o breve alívio de uma conquista a ser celebrada, ou vivenciando um tempo de futuro tão incerto, o escritor de Angola tem o seu imaginário povoado por dimensões do passado e, quase sempre, o regresso a esse tempo anterior conduz o seu exercício de pensar a sua contemporaneidade e vislumbrar hipóteses para um mundo que, por razões diversas e em variados níveis, lhe surge como um universo à revelia. (CHAVES, 2005, p. 61-62)

O trecho a seguir, citado por Rita Chaves, revela a importância dessa literatura anticolonial para a construção de uma identidade nacional angolana. A pesquisadora extraiu este excerto do documento de fundação da União dos Escritores Angolanos (UEA), datado de 1975, e publicado após a proclamação da independência de Angola.

A história de nossa literatura é testemunho da geração de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação exprimindo os anseios profundos de nosso povo, particularmente o das camadas mais exploradas. A literatura angolana surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano. (CHAVES, 1999, p. 70)

Na esteira dessa prosa literária que passa a se posicionar contra o poder colonial, dois dos principais escritores que retrataram os angolanos com destaque e centralidade em seus enredos foram Luandino Vieira e Pepetela, romancistas que se levantaram contra o poder metropolitano, sofreram com a repressão do governo lusitano e produziram uma literatura de combate e resistência pela independência de Angola. Conforme dito anteriormente, algumas de suas obras formam o objeto de análise dessa pesquisa, na qual pretendo aprofundar e discutir as possibilidades de utilização de cada um desses contos e romances para a apreensão do conhecimento histórico concernente à luta pela independência de Angola.

Considero alguns aspectos fundamentais para trabalhar o ensino de história utilizando a literatura angolana, especificamente com os escritores citados. Os fatores elencados a seguir me motivaram a optar pelo trabalho analítico com as quatro obras em questão, a começar pela natureza das produções literárias, as quais estão fortemente conectadas ao projeto de nação pensado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), grupo político vencedor no processo de luta pela independência angolana. Adiante, algumas outras motivações me influenciaram na escolha dos objetos examinados, como o interesse em pesquisar temas inseridos na história da África, passando pela escolha de Angola e suas ligações com o Brasil, a atuação destes escritores no âmbito da luta pela libertação, até chegar no caráter didático das referidas obras.

No que se refere aos autores, no conjunto de romancistas angolanos da geração do pós-1950, Luandino e Pepetela foram aqueles que produziram obras concatenadas à minha proposta de estudo, conforme será detalhado nos parágrafos seguintes. Alguns outros escritores em prosa que também atuaram no período, como Uanhenga Xitu, Oscar Ribas, Manuel Rui e Manuel dos Santos Lima, produziram obras de excelência e destaque, porém não apresentaram a defesa do projeto do MPLA e a abordagem inscrita nos temas da identidade nacional e das lutas de libertação conforme as obras selecionadas dos autores escolhidos. Em seu excelente estudo sobre o percurso da literatura angolana (tanto na poesia como na prosa) intitulado *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, Laura Padilha destaca Luandino Vieira e Pepetela no capítulo onde analisa a literatura angolana em sua guinada pela descolonização do país, período o qual ela

denomina como “projeto ficcional angolano pós-1950” (PADILHA, 2007, p. 169). A autora analisa poemas, romances e contos de diversos escritores do período separando-os por temáticas abordadas em suas obras, chamando a atenção a alguns aspectos como: o trato de Luandino com os temas da oralidade e das marcas identitárias do povo nos musseques; e a busca pela construção de uma nacionalidade angolana e o recurso das várias vozes narrativas em Pepetela.

A obra de Pepetela, aprofundando a técnica do multifoco narrativo, procura romper a imobilidade de um único ponto de vista – conforme Mayombe, primeira tentativa, e muito bem-sucedida nesse sentido – fracionando as visões e desmobilizando(sic) dialeticamente o contado. Desse modo, procura atingir o cerne da unidade narrativa, fazendo com que se fragmente o corpo ficcional. As partes fracionadas, no entanto, têm um elo que as une, ou seja, a estória do pastor-alemão de muitas identidades. (PADILHA, 2007, p. 221)

O principal motivo para a escolha literária nessa pesquisa diz respeito à conexão de tais obras com o projeto de nação angolana concebido e defendido pelo MPLA. Nesse sentido, a abordagem dessas obras permite a compreensão de meandros do tipo de sociedade defendido pelo principal movimento de libertação angolano, bem como aspectos da resistência à opressão colonial, o protagonismo popular, a pretensão do movimento em fomentar uma nacionalidade angolana em meio a um ambiente plurinacional, as diversas marcas identitárias (nas falas, nas expressões culturais) e as lutas em diferentes espaços do território angolano – nas matas e nas aldeias em Pepetela; nos bairros da periferia de Luanda em Luandino Vieira, conforme será explicitado nas resenhas dos livros.

Tais obras mostram também a importância que o MPLA dava à escrita literária enquanto meio propagador de sua ideologia política, na esteira da geração dos literatos do pós-1950, que conforme citado anteriormente, passaram a produzir e difundir uma escrita voltada para a ruptura com Portugal.

Começa a ter peso, a partir da década de 1950 – década, aliás, que marca profundamente a história geopolítica dos países colonizados – tudo que traz o traço de alteridade angolana, passando a produção literária a vincular-se estreitamente à construção da nacionalidade.

Outrossim, aparece, sobretudo depois de 1961, a certeza de que tal construção não se pode dar sem luta. Os escritores se fazem também revolucionários, participando

ativamente do movimento político de libertação. Por isso são quase todos presos e/ou exilados, quando não vivem na clandestinidade da guerrilha. Após a independência, em 11 de novembro de 1975, eles passam, por sua vez, a formar os quadros dirigentes, empenhando-se diretamente na mudança estrutural do país. (PADILHA, 2007, p. 174-175)

Nesse contexto, as quatro obras em análise foram escritas no calor da resistência contra a repressão colonial e em favor da independência de Angola, pois Luandino Vieira estava preso pelo regime salazarista por sua militância anticolonial quando escreveu *Luuanda e Nosso Musseque*, enquanto Pepetela escreveu *As Aventuras de Ngunga e Mayombe* concomitantemente a sua atuação como guerrilheiro do MPLA durante a luta pela independência. As vivências e experiências dos escritores se refletem nos livros em questão, nas diversas formas de contestação ao regime colonial, exploradas com primor pelos literatos. Tais obras se constituem em importantes registros escritos para a compreensão da construção de uma identidade nacional angolana levada adiante pelo MPLA, bem como da dinâmica social no território angolano durante o período de lutas anticoloniais.

Com efeito, a literatura de afirmação nacional, ainda que inacessível à maior parte dos colonizados, foi de fundamental importância para a unificação política em torno de um projeto e de uma língua, a do colonizador, oraturizada. Estes escritores, inseridos num ambiente urbano e de opressão, estabeleceram um profundo diálogo com a produção teórica antiimperialista e terceiro-mundista, em voga num contexto de descolonização no continente. (CIONE, 2012, p. 86)

Conforme explicado acima, optei por utilizar obras literárias de caráter anticolonial, escritas no contexto da luta pela independência por autores militantes do MPLA – ambos inclusive atuaram no governo após a independência (conforme descrito a seguir nos capítulos 1 e 2), obras essas que expressaram com excelência, haja vista suas singularidades, as marcas do projeto de independência do MPLA para Angola, tanto na resistência contra a metrópole como na concepção de país pós-independência. Tais características perfazem o recorte que busquei para selecionar escritos literários em prosa que melhor pudessem trazer informações e detalhes a respeito da luta anticolonial e do exame das nacionalidades sob a ótica do movimento hegemônico no processo de independência angolana.

Literatura e construção da nacionalidade são as duas faces de uma mesma moeda, cunhada, em um primeiro momento, entre 1948 e 1975, pelas várias gerações de escritores. Nasceram, pois, ao mesmo tempo, a moderna literatura, a consciência da nacionalidade e a luta pela libertação, sendo difícil separar os processos estético e político-ideológico, que estabelecem entre si significativas interfaces, mesmo depois da independência. (PADILHA, 2007, p. 174-175)

Outro fator para a escolha das obras concerne à inserção delas no amplo tema da história da África. O ensino de história da África e da cultura afro-brasileira foi instituído pelas leis 10639/2003 e 11645/2008, obrigando sua aplicação em toda a rede do ensino básico. Tal legislação contribuiu para fomentar o aumento da produção acadêmica a respeito dos temas em história ligados ao continente africano. Desse modo, temos na academia uma farta produção de artigos e ensaios abordando as metodologias e proposições didáticas para o ensino da história com o apoio da literatura, no entanto considero importante a ampliação dos estudos acerca da utilização de obras literárias oriundas especificamente de países africanos para as aulas de história no ensino básico, no sentido de aumentar e qualificar a produção disponível para os docentes que desejam trabalhar com essa temática.

Outra questão relevante diz respeito ao contraponto à visão eurocêntrica cristalizada nos estudos da história no Brasil, bem como o combate aos estereótipos e reducionismos historicamente construídos nas mais diversas representações (cinema, imagens, reportagens, coberturas de eventos) a respeito do continente africano. O trabalho com a produção literária angolana pode auxiliar nessa desconstrução, sobretudo por se tratar de narrativas críticas ao colonialismo, expondo a resistência e protagonismo dos angolanos, evidenciando a existência de uma produção intelectual autônoma e qualificada vinda de um país do continente africano.

Além das questões em torno da legislação educacional, é importante destacar as relações do Brasil com Angola, visto que ambos apresentaram intensa conexão no funcionamento da empresa colonial lusitana, com os portos angolanos fornecendo muita mão-de-obra para a economia brasileira do período através do tráfico de seres humanos escravizados. Anos mais tarde, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência angolana em todo o mundo, fato ocorrido no esteio da política externa do Pragmatismo

Responsável visando a ampliação de mercados consumidores por parte do governo militar brasileiro, mediante interesses geopolíticos e sobretudo de expansão da economia brasileira.

O Brasil precisava dar uma demonstração vigorosa e inequívoca de rompimento com seu passado de apoio ao colonialismo português. Sem dúvida que, reconhecer o novo regime de Angola, quando a situação não parecia definida, nem mesmo para a maioria dos países africanos seria uma atitude ousada. Ser o primeiro a reconhecer certamente, traria reflexos para as relações futuras, não só com Angola, mas com toda a África negra. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 63).

Para além das questões geopolíticas e diplomáticas, o campo literário também apresentou ligações entre o Brasil e Angola, visto que os escritores angolanos referenciados foram influenciados pelo modernismo brasileiro, caracterizado pelo forte cunho nacionalista e pela ruptura com a tradição cultural e literária portuguesa, o que podemos observar nas obras em análise. O regionalismo nordestino também os influenciou, com seu forte traço social. Como disse Luandino,

O Jorge Amado que me deu uma visão da humanidade, dos seus personagens, da inclusão de todo o tipo de personagem como tão valioso como qualquer outro tipo de personagem e, sobretudo, a questão da introdução do negro na Literatura, a partir de Jubiabá que ninguém pode mais esquecer; e, depois, Guimarães Rosa por suas personagens, por sua ética. As questões éticas em Grande Sertão, o diálogo do bem e do mal, e dum ponto de vista óptico, ontológico... é verdade, eu não me aproximo muito da parte filosófica. Tudo isso contribuiu para minha formação. (VIEIRA, 2007, p. 284)

Demais razões para tais escolhas são de ordem didática, observando o foco no tema amplo da descolonização de Angola. Os dois livros de Pepetela são romances de linguagem acessível e apresentam narrativas centradas na luta pela independência por parte do MPLA, cada qual com suas particularidades, conforme será esmiuçado no segundo capítulo. As obras de Luandino Vieira tratam-se de um livro de contos (Luuanda) e um romance (Nosso Musseque), ambos trazendo o ambiente dos musseques da capital angolana num cenário de repressão colonial e resistência da população às portas da independência do país, e como será detalhado no terceiro capítulo, apresentam diversas possibilidades temáticas a serem trabalhadas na disciplina história.

Partindo das produções bibliográficas citadas, dos escritores angolanos, pretendo explorar os diversos conceitos e categorias analíticas contidas nas mesmas, no intuito de pensar como a história pode ser entendida através da pena literária. Questões a respeito da sociedade colonial angolana, as lutas de libertação, as formas de resistência cultural e as identidades nacionais são alguns dos temas diluídos nas obras. A compreensão ampla e detalhada dos romances pode auxiliar o professor de história nas abordagens acerca do processo de luta pela independência de Angola.

Outros aspectos podem permitir ao docente a construção de uma visão sistêmica e historicizada das obras literárias, tais como: o momento de criação, as referências históricas, a formação e atuação dos autores, as alegorias e o exame das intencionalidades. Tais aspectos serão analisados nos capítulos 1 e 2, quando forem examinadas as obras e seus autores.

Em se tratando especificamente dos principais conceitos trazidos pelas obras em análise, considero necessária a reflexão teórica a respeito dos mesmos, a começar pelo exame das identidades nacionais, tendo em vista o objeto de pesquisa centrado numa literatura que buscou de formas diversas a definição e concepção de uma nação angolana, em meio a uma sociedade plurinacional.

Em *“Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo”*, Benedict Anderson afirma ser a nação uma construção social e não a essência de um grupo que se estabelece e organiza em torno de um Estado e em um território definido. Segundo o autor, as nações são comunidades políticas imaginadas, não somente no sentido da invenção, mas principalmente no que concerne ao fato de que seus membros, mesmo sendo impossível a interação entre todos, compartilham interesses e aspectos identitários comuns e possuem ampla capacidade de identificação mútua.

No caso de Angola, a nação a ser construída precisou lidar com uma pluralidade nacional sobre um território arbitrariamente definido pela colonização. Nessas circunstâncias, a literatura anticolonial defende um projeto identitário de uma nação que deve se sobrepôr a

outras, lançando mão de recursos literários que expressem um sentido de unidade para uma população multicultural, sobretudo na oposição ao poder colonial. A análise da identidade nacional nesse caso deve pressupor a compreensão das relações entre as múltiplas identidades, seus conflitos, as tentativas de sobreposição e negociação entre si. Segundo Homi Bhabha, “é na emergência dos interstícios que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação (nationness), o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados.” (BHABHA, 1998, p.20).

É importante compreender o contexto da formação social no território angolano³, observando as permanências e rupturas advindas do processo de exploração colonial. Nesse sentido, as literaturas em análise apresentam marcas de um projeto político interessado em suplantar as diversas nacionalidades existentes nesse espaço em favor de uma única nação angolana, e para isso os autores lançam mão de diversas estratégias no sentido de sufocar ou diminuir tais nações, como por exemplo o enfoque no inimigo (português) comum a todos ou o uso da denominação “tribos” em lugar de “nações”, conforme detalhado nas resenhas das obras. Importante observar de modo crítico que esse projeto defendido por Luandino e Pepetela pretendia uma cisão com o governo lusitano, porém mantendo muito da estrutura do estado colonial, como o modelo administrativo, as fronteiras e principalmente a língua do colonizador. Segundo Stuart Hall, analisando os estados pós-coloniais,

Nos primórdios do desmantelamento dos antigos impérios, vários novos Estados-nação, multiétnicos e multiculturais, foram criados. Entretanto, estes continuam a refletir suas condições anteriores de existência sob o colonialismo. Esses novos estados são relativamente frágeis, do ponto de vista econômico e militar. Muitos não possuem uma sociedade civil desenvolvida. Permanecem dominados pelos imperativos dos primeiros movimentos nacionalistas de independência. Governam populações com uma variedade de tradições étnicas, culturais ou religiosas. As culturas nativas, deslocadas, senão destruídas pelo colonialismo, não são inclusivas a ponto de fornecer a base para uma nova cultura nacional ou cívica. Somam-se a essas dificuldades a pobreza generalizada e o subdesenvolvimento, num contexto de desigualdade global que se aprofunda e de uma ordem econômica neoliberal não regulamentada. Cada vez mais, as crises nessas sociedades assumem um caráter multicultural ou “eticizado”. (HALL, 2013, p. 61-62)

Outro conceito fundamental diz respeito a representação. Os textos literários, assim como os históricos, lançam mão de estratégias de apreensão das realidades humanas em

³ Ver os mapas em anexo, especialmente os de número 6 e 7.

suas narrativas. Diante disso, o conceito de representação possui grande importância para a compreensão das relações entre história e literatura. Na representação, as diferentes formas de linguagens atribuem sentidos aos eventos, sujeitos, processos, sentidos esses que de alguma forma recuperam aquilo ou aquele(s) que foi(ram) representado(s) através de imagens, textos, signos. Os sentidos atribuídos são historicizados, visto que produzidos a partir de seus sistemas culturais, implicando em escolhas e atribuições de valor. Juvenal de Carvalho Conceição, baseado em Stuart Hall, afirma que

Em resumo pode-se dizer que a representação é o processo pelo qual os membros de uma cultura usam as linguagens para produzir sentidos, é fonte de produção de conhecimento social, um sistema aberto ligado às práticas sociais, a disputa de hegemonia e as relações de poder. Os sentidos são resultado das relações sociais, das interações entre os sujeitos e entre os sujeitos e o mundo material. Portanto, são resultados de relações de força, relações de poder. As representações são dinâmicas, produzidas historicamente nessa encruzilhada das lutas culturais. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 406)

Ao recuperarem ou estarem direta ou indiretamente referenciados em temas históricos, os discursos literários selecionam e reinterpretam os fatos, resignificando e muitas vezes ampliando as leituras da realidade, e possibilitando um entendimento mais apurado a respeito das representações concebidas numa dada sociedade. Segundo Sandra Pesavento, “a memória social criada a partir do discurso literário se constitui numa representação que se socializa e que tem um conteúdo pragmático e socializador” (PESAVENTO, 1998, p.13). Segundo Grecco,

É importante destacar a literatura como testemunho ou documento histórico, no sentido de valorizar a riqueza do texto ficcional como fonte que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica e alegórica. O conteúdo narrativo do texto literário, por conseguinte, é expressão de formas de pensar e agir, dotado de credibilidade e significância. (GRECCO, 2014, p. 46)

Segundo o historiador Jacques Le Goff, em *História: Novos Objetos*, o estilo de uma época se capta nas profundezas do cotidiano (LE GOFF, 1976), e a literatura nos dá essa possibilidade de captura, na medida em que revela e desvela aspectos da cultura e das mentalidades dos sujeitos de determinado período. Desse modo, as fontes literárias enquanto formas de representação da realidade podem nos fornecer uma espécie de retrato

de determinado espaço-tempo em suas relações socioculturais, funcionando como um importante recurso para a análise e interpretação do período estudado.

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção. (PESAVENTO, 2006, p. 7)

Além de identidade nacional e representação, pilares para a análise proposta, outros conceitos presentes nas obras são fundamentais para a uma melhor apreensão do conhecimento histórico através das mesmas. A memória, coletiva ou individual, permeia todos os enredos, em diferentes graus de intensidade nas narrativas, conforme será demonstrado nas análises de cada um dos romances. O registro da memória pelos literatos aponta em grande medida para as diversas consequências da violência colonial, expondo os problemas enfrentados pela população angolana, sobretudo no que concerne à profunda desigualdade racial e social, seja nos kimbos (aldeias) relatados por Pepetela ou nos musseques (bairros populares de Luanda) descritos por Luandino Vieira. As marcas da exploração por parte dos colonizadores evidenciam a necessidade e importância das lutas e resistências contra o governo colonialista. Sobre a memória na construção identitária, afirma Michael Pollak,

...a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

A oralidade é outro conceito basilar. Presente em todas as obras, essa categoria aparece em muitas situações de modo articulado com a memória. A oralidade assume grande importância nas narrativas, onde em muitas delas os narradores são os próprios personagens, relatando suas lembranças e também opinando, de acordo com suas visões de mundo. Em Luandino Vieira, sobretudo, a linguagem utilizada se aproxima da forma como as

peessoas falavam nos musseques, com um português demasiado modificado e as muitas palavras e expressões em idioma kimbundo. As narrações dos personagens, a contação de histórias e a linguagem utilizada nas conversas e relatos, aproximando-se da fala cotidiana dos moradores dos musseques, denotam a força da oralidade nas narrativas desenvolvidas.

A respeito da obra de Luandino Vieira, Pires Laranjeira afirma:

Esse texto luandino (sic) caracteriza-se, na sua gênese, por surgir num espaço de criação de uma linguagem nova, que parte da criação da língua já codificada e estabilizada socialmente (isto é, normativizada pelo uso erudito do colonizador), para desconstruí-la, por vezes ao nível minucioso da fonologia, num trabalho Sísifo contra a montanha intransponível. A língua literária luandina (sic) surge assim na intersecção da língua natural portuguesa com a língua natural quimbunda, fornecendo sobretudo o espaço lexical e a estrutura básica, interferindo esta nalguns pontos da sintaxe, introduzindo-se vocábulos crioulizados, aquibundados, do quimbundo ou mesmo neologismos, além de certas nuances (circunlóquios, tautologias, etc.) prolongam a oralidade gramatical e expressiva do português. (LARANJEIRA, 1995, p. 122)

Outros conceitos relevantes serão analisados em suas respectivas obras nas quais eles possuem significado. São os casos, por exemplo, do marxismo e do tribalismo (termo utilizado por Pepetela em referência à diversidade de nações da população angolana e suas relações) em *Mayombe*, e do racismo, que perpassa todas as prosas, com referências mais explícitas em *Mayombe*, *Luuanda* e *Nosso Musseque*.

Além dos conceitos acima, temas como a desigualdade sociorracial, a violência colonial, as relações entre a população e os movimentos de libertação, as lutas contra os colonialistas e a resistência da população explorada demonstram como a complexa realidade angolana colonial antes e durante as guerras de libertação foi retratada na literatura em questão. Tais temas são analisados nos resumos das obras em que possuem destaque, e formam uma lista disponível para os professores no site, no sentido de facilitar a busca pelas abordagens de cada temática em suas respectivas obras.

Neste texto dissertativo, os capítulos 1 e 2 trazem informações sobre os escritores para a compreensão da conjuntura de produção literária e os resumos analíticos das obras referenciadas, com cada capítulo dedicado a um autor e seus respectivos livros. Na

sequência, o terceiro capítulo apresenta algumas considerações sobre o ensino de história da África no Brasil a partir dos seguintes pontos: uma reflexão teórica a respeito da produção de materiais didáticos voltados para o ensino de história da África, seus avanços e possibilidades; e a situação desse campo pedagógico no país e seu desenvolvimento nos últimos anos a partir das análises disponibilizadas no site. Toda essa discussão está conectada aos impactos das leis positivas que obrigam a inserção dessa temática na educação básica brasileira.

Para uma melhor compreensão das obras, os anexos trazem mapas do continente africano e de Angola, articulados às informações desse texto dissertativo e do site, além de um glossário de termos e expressões em idiomas locais que aparecem nas produções literárias em análise. Tais recursos estarão disponíveis no site, inclusive para download, auxiliando professores e alunos de história interessados a se situarem da melhor forma com esta literatura.

Conforme apontei no início do texto, o produto didático elaborado a partir dessa pesquisa trata-se do site “História e Literatura: Angola e a luta anticolonial” direcionado aos professores de história que atuam no ensino médio contendo reflexões teóricas a respeito da literatura angolana aplicada ao ensino da disciplina, análises dos romances e contos baseadas nas conexões entre história e literatura, as relações dos escritores em questão com a luta anticolonial, os temas extraídos das produções literárias os quais permitam ao professor selecionar as obras e seus trechos para determinadas discussões e reflexões em sala de aula, bem como sugestões de atividades pedagógicas com as referidas obras observando as amplas possibilidades de utilização da representação literária direcionada para o aprendizado nas aulas de história. Importante registrar que tais sugestões não perfazem um rol taxativo, visto que pretendem estimular a criatividade do professor, o qual tem a liberdade para pensar diversas outras formas de aplicação das obras literárias em suas aulas.

O site está configurado em 11 (onze) módulos, com seus links disponíveis na página inicial, no intuito de facilitar o acesso de professores e alunos às partes que pretendem

acessar. Desse modo, cada obra terá um módulo dedicado somente a ela, além daqueles dedicados às discussões e reflexões teórico-metodológicas.

O primeiro módulo apresenta uma breve história de Angola, seu processo de formação, baseado principalmente nos nocivos efeitos da empresa colonial portuguesa e a resistência angolana, tema que está no centro da abordagem da literatura analisada nesse trabalho. Este módulo terá a função principal de situar e contextualizar a respeito do país onde foi gestada a literatura em análise.

O segundo módulo é intitulado “A Literatura angolana anticolonial”. Nele estão contidas informações teoricamente embasadas sobre o papel da literatura na luta pela independência de Angola; a circulação de informações; os movimentos de intelectuais engajados; as relações com a metrópole; o processo de gestação de um movimento literário de contestação ao poder colonial, que começou com a poesia e nos anos seguintes chegou à prosa uma lista com a indicação dos títulos das obras da literatura angolana que abordam a luta pela independência e as influências da literatura brasileira sobre os escritores angolanos.

Este segundo módulo está separado por sessões, cada uma tratando de um dos subtemas acima listados. Desse modo, o professor terá à disposição um material contendo informações a respeito da literatura angolana engajada na luta pela independência do país, sua relevância, sugestões de leitura, suas influências e ligação com a produção literária brasileira, tudo isso em linguagem acessível aos estudantes de ensino médio, permitindo que o docente trabalhe utilizando o site de forma ainda mais interativa junto com seus alunos.

O terceiro módulo é dedicado aos autores das obras em questão. As atuações de Luandino Vieira e Pepetela nos movimentos pela libertação são destaque nessa parte, bem como o contexto de criação dos romances e contos, tendo em vista que se tratam de dois escritores militantes plenamente engajados na luta do MPLA.

Conforme explorado nos segundo e terceiro capítulos desse texto dissertativo, as relevantes informações sobre os escritores estão disponíveis nesse módulo. Cada autor será tema de uma respectiva seção, nas quais serão destacadas as atuações de ambos junto ao MPLA, a importância de suas produções literárias, bem como trechos de entrevistas revelando o pensamento deles a respeito de temas ligados à luta anticolonial e as nacionalidades angolanas.

Na sequência estão configurados os módulos contendo o resumo de cada uma das obras, no intuito de auxiliar os professores na compreensão e seleção das produções literárias. No decorrer desses resumos, são inseridas caixas de texto, contendo a definição dos importantes conceitos trazidos pelos autores na obra em questão, bem como alguns mapas de Angola e Luanda no sentido de situar o docente, auxiliando na compreensão espacial das abordagens literárias.

Nestes módulos, o professor terá acesso às resenhas dos livros, onde mesmo que ainda não conheça ou não tenha lido a obra, ele poderá compreender a ideia central, a sequência do enredo, a estrutura dos romances e contos e os principais aspectos abordados pelos autores nas respectivas produções auxiliando, desse modo, o profissional da educação a escolher os livros, a depender de sua abordagem e planejamento pedagógico.

Importante salientar que os resumos das produções literárias, disponíveis no site, não substituem, em hipótese alguma, o contato do professor e dos estudantes diretamente com a obra. Inclusive estão indicados no site links para que o docente possa adquirir cada um dos livros em e-book.

A partir das informações citadas acima, o docente poderá selecionar a(s) obra(s), e após a leitura da(s) mesma(s), terá subsídios para pensar propostas pedagógicas circunscritas à disciplina história, e também de modo interdisciplinar em parceria com professores de outras áreas do conhecimento como, por exemplo, língua portuguesa e geografia. Como sugestão interdisciplinar, os mapas (anexo 4.1) disponíveis nesses

módulos, aliados à abordagem das obras literárias, poderão ser utilizados em trabalhos articulados entre os professores de história e geografia

O oitavo módulo apresenta uma compilação dos temas extraídos de cada produção literária, os quais foram analisados nos capítulos 1 e 2 desse texto dissertativo, nas partes dedicadas a cada obra. Cada tema listado está acompanhado das análises, mostrando como eles aparecem nas obras, as possibilidades de reflexões para a disciplina história, bem como algumas sugestões de atividades voltadas para o ensino de história da África através, principalmente, da interdisciplinaridade entre literatura e história, mas também ampliando as possibilidades de diálogo e conexões a outras áreas de conhecimento. Este módulo tem os seguintes temas em análise: identidades nacionais; luta de libertação; representação; memória; oralidade; tribalismo; línguas; condições de vida (nas aldeias e nos musseques); racismo; impactos do colonialismo; resistência das populações angolanas.

Neste módulo, cada tema ocupa uma respectiva seção, onde são apresentadas as diversas possibilidades de reflexão histórica através da literatura e as sugestões de atividades para o ensino em história da África. A sequência a seguir explica como está configurada cada uma das partes desse módulo: a seção referente ao tema “identidades nacionais” está subdividida em 4 (quatro) partes mostrando como esse tema aparece nas respectivas obras. Cada uma dessas subseções mostra como esse tema foi explorado pelo autor na obra, por exemplo: conforme detalhado no capítulo 2, no romance *Mayombe*, as questões em torno das identidades nacionais aparecem sobretudo nas seguintes abordagens: no projeto do MPLA para a formação de uma Angola independente; e na pluralidade da origem dos guerrilheiros, oriundos de diversas nações, às quais o autor se refere como tribos. A partir de então, cada uma dessas abordagens é destrinchada em suas possibilidades, contendo trechos do romance e sugestões de atividades, sempre se reportando ao contato direto do estudante com as produções literárias. Essa divisão metodológica se repete para cada tema em questão, de acordo com o que cada obra pode apresentar.

Pautado na legislação educacional que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira em toda a rede de ensino do país, o nono módulo trata do ensino de história da África no Brasil, a partir das seguintes problematizações: por que estudar o continente africano; construção e desconstrução de conhecimentos a respeito de África; a ausência dos estudos sobre África no ensino de história no Brasil; e a importância da literatura angolana para os estudos sobre África. Neste módulo, são disponibilizadas informações e discussões a respeito do continente africano de modo a combater as visões estereotipadas, reducionistas e preconceituosas construídas ao longo do tempo no Brasil.

Finalizando a estrutura do site, o dois últimos módulos apresentam dados técnicos ligados à pesquisa: o décimo será um glossário contendo todos os termos e expressões em línguas locais contidos nas obras analisadas, auxiliando professores e alunos na compreensão dos enredos, enquanto o décimo primeiro módulo informará aos profissionais da educação a bibliografia utilizada para esta pesquisa.

Todo o conteúdo acima descrito e separado em módulos está disponível para download em arquivos no formato .pdf, para que o público interessado tenha melhores condições para montar e estruturar suas propostas de estudo, podendo trabalhar inclusive de modo offline a partir do site. A página inicial apresenta uma conta de e-mail para eventuais sugestões e dúvidas por parte dos internautas sobre o conteúdo disponibilizado. E o menu “Sobre” (canto direito superior da tela) dá acesso a uma explicação resumida do site (objetivos e estrutura), bem como a informações acerca da autoria desse material didático.

O produto dessa pesquisa é resultado de cerca de 2 anos e meio de dedicação, desde a concepção do projeto de pesquisa para ingresso no Mestrado Profissional em História da África da UFRB. A ideia inicial era elaborar um material didático para professores de história do ensino médio, em formato impresso, como uma espécie de manual de apoio para se trabalhar o ensino da disciplina através da literatura de duas obras de Pepetela – *Mayombe* e *As Aventuras de Ngunga* – observando fundamentalmente como a identidade nacional e a luta de libertação se apresentam nessas produções literárias.

Tão logo começaram os encontros de orientação, sob a gerência do prof. Juvenal de Carvalho Conceição, a pesquisa começou a ganhar musculatura, primeiramente com a ampliação do referencial teórico e a consecutiva qualificação da bibliografia utilizada. Diante de minhas dificuldades, cheguei a pensar em modificar meu foco inicial em trabalhar com a literatura em prosa no ensino de história, mas fui incentivado pelo orientador a prosseguir com a prosa literária, o que foi essencial para que eu retomasse a confiança em minha proposta de trabalho acadêmico.

Em seguida, o prof, Juvenal me orientou a delimitar o conjunto de obras literárias que se encaixassem na proposta de buscar a compreensão da luta anticolonial em Angola sob a perspectiva do projeto vencedor no processo de independência (o do MPLA), reforçando a importância de fundamentar as motivações para a utilização de determinadas produções literárias. Nessa busca encontrei os livros do Luandino Vieira, e defini a composição de meu objeto de pesquisa, conforme as justificativas apresentadas nessa introdução.

Outro passo importante foi a determinação do formato a ser utilizado. Nas orientações sempre eram discutidas algumas inquietações a respeito do material impresso para a aplicação da proposta da pesquisa. Um dos pontos principais colocados pelo orientador era a disponibilidade do material para os professores da rede pública de ensino, considerando que eles ainda precisariam dispor das obras literárias para trabalhar em sala de aula com seus alunos. A partir de então comecei a pensar na possibilidade de desenvolver um site, tendo em vista que os livros-base da pesquisa possuem versões em e-book, e optei por esse formato após conhecer um excelente site⁴ pautado na história e cultura do continente africano, fruto de um projeto vinculado a Universidade Federal de Goiás. A proposta então contou com a aprovação do prof. Juvenal, que ressaltou o maior alcance do produto final e a facilidade dos professores trabalharem de modo digitalizado.

Além do percurso com as orientações, as inúmeras correções, supressões e adições, a submissão desse trabalho de pesquisa à banca de qualificação contribuiu imensamente para lapidar o material elaborado, melhorar a linguagem do site e embasar as escolhas

4 <https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/index.html>

teórico-metodológicas. As observações dos examinadores, nas figuras da professora Ana Rita Santiago e do professor Wilson Roberto de Mattos, implicaram em importantes ajustes, destacando aspectos como a fundamentação teórica, a justificativa das obras literárias, as reflexões sobre a história da África e os materiais didáticos, e os cuidados com a linguagem do site para nossos professores de ensino médio.

Todo esse caminho trilhado, apresentado de forma resumida, resultou na criação de um site baseado em obras literárias oriundas de um complexo e notável país africano, de grande significado para a formação de nossa cultura. Em ambos autores, o foco narrativo está nos colonizados, nos explorados, e não nos colonizadores. Os angolanos são o centro dos enredos, seja no embate direto contra os portugueses conforme o traço de Pepetela, seja na resistência cultural à opressão nos musseques trazida por Vieira. A luta contra a violência colonial e a busca pela construção de caminhos para uma Angola independente foram fatores de grande motivação para criações literárias engajadas, protagonizadas pelos próprios angolanos, refletindo em tais obras o objetivo de criação de uma unidade nacional conforme as diretrizes políticas do MPLA, num processo complexo e problemático diante dos desafios em lidar com uma sociedade diversa e multicultural, composta por nações singulares.

1. VIDA E OBRA DO AUTOR: PEPETELA⁵

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos – **Pepetela** – nasceu em Benguela⁶, a 29 de Outubro de 1941. Fez os seus estudos primários e secundários em Benguela e Lubango⁷, partindo em 1958, para Lisboa para fazer o curso superior. Frequentou o Instituto Superior Técnico, participando durante esse período de atividades literárias e políticas na Casa dos Estudantes do Império. Para escapar da convocação do exército colonial em 1962, saiu de Portugal para a França, onde passou seis meses, seguindo para a Argélia, onde se licenciou em Sociologia e trabalhou na representação do MPLA e no centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar.

Importante registrar que Pepetela nasceu numa família de descendência portuguesa, e o fato de ser branco e ter crescido num ambiente de classe média mostra como o MPLA buscou abarcar militantes das diversas classes sociais e raças em Angola. Os trechos a seguir de uma entrevista em 2011, concedida a Rita Silva Freire, mostram um pouco de sua visão a respeito da questão racial da época e no que concerne ao tratamento do MPLA:

Quando percebeu as injustiças da sociedade angolana?

Cheguei a Portugal com 17 anos. Já achava que a sociedade angolana era muito injusta, com problemas de racismo. Tinha tido conversas sobre a necessidade de mudar mas não sabia como.

Testemunhou de perto esse racismo?

Vivi em Benguela, a melhor cidade nesse aspecto. Mas quando fui estudar para o Lubango senti a diferença. Sobretudo na segregação racial. Via como os meus colegas negros eram tratados. Quando fui para Portugal já havia lá gente muito politizada. Percebi que Angola e Portugal eram entidades diferentes e que era preciso independência. Quando começou a luta armada, pronto, era o caminho.

Nasceu em Benguela em 1941, filho de portugueses há muitas gerações em Angola. Por que diz que a cidade era diferente no que toca a racismo?

Era uma cidade muito particular. Metade da população era mestiça, estabelecia relações. Na escola tinha companheiros de todas as cores. Havia racismo, claro, mas havia uma maior integração da população. As outras cidades eram piores. A maioria da população do Lubango era branca. Passava férias no Huambo e íamos em grupo para a piscina. Não nos deixavam entrar. Diziam: 'Tu e tu podem, os outros não'. Eram mestiços ou negros.

Sentia-se angolano mas era branco. Isso causava alguma confusão identitária?

⁵ Baseado em informações do site da União dos Escritores Angolanos. Disponível em <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/53-pepetela>

⁶ Cidade angolana, capital da província de Benguela. Ver mapas 5, 8 e 9.

⁷ Cidade angolana, capital da província de Huíla. Ver mapas 5, 10 e 11.

Eu não tinha dúvidas: aquela era a minha terra. Viva na última casa da cidade branca, para a frente havia a sanzala. No meio havia um terreno onde jogávamos todos futebol juntos. Sempre convivi com gente da sanzala e da cidade branca. Uns jogavam futebol descalços, outros calçados. E os que jogavam calçados tinham o cuidado de não magoar os outros.[...]

[...] **Quando a guerra eclodiu estava em Portugal. Daí foi para Paris e, depois, já como militante do MPLA, para a Argélia, onde esteve muitos anos.**

Entre 1963 e 1969. Fui com uma bolsa de estudos. Tínhamos lá um centro de estudos angolanos e uma delegação do MPLA. Quando acabei de estudar comecei a trabalhar para o Governo, e nunca mais de lá saía. Era uma questão de cor. O MPLA tinha medo de enviar brancos para a guerrilha porque não sabia qual seria a reacção da população: branco é filho de colono. Era preciso trabalhar as populações para nos aceitarem. Isso foi feito e em 1969 chamaram-me.

Trabalhá-las como?

Explicar que a nossa luta não era contra os colonos, nem contra pessoas mais claras, mas contra um sistema que tinha que acabar, contra o colonialismo. Foi preciso provar que servíamos para alguma coisa: cometer o mínimo de erros possível e arriscar mais do que o necessário. (PEPETELA, 2011, p. 2)

Em 1969, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos foi recrutado pelo MPLA para a luta armada anticolonial, deslocando-se de Argel, onde vivia desde 1963 e havia se formado em Sociologia, para Cabinda⁸, participando então de sua primeira frente de guerrilha, assumindo a função de responsável pelo sector da educação. Adotou o nome de guerra de Pepetela, que mais tarde viria a utilizar como pseudônimo literário. Escreveu *Mayombe* (1971) nesta região. “Passados três anos, foi para a Frente Leste e escreveu *As Aventuras de Ngunga* e parte do capítulo que mais tarde comporia *A chana*, de *A geração da utopia*.” (MATTOS, 2013, p. 10)

Em 1974, Pepetela assumiu o comando da frente de guerra contra a FNLA (Força Nacional de Libertação de Angola), em Benguela, e dois anos depois assumiu o cargo de vice-ministro da Educação, já no primeiro governo do MPLA, presidido por Agostinho Neto, permanecendo nesse cargo até 1982, quando deixou o governo angolano para voltar a se dedicar somente à literatura.

É membro fundador da União dos Escritores Angolanos (UPA), associação criada pelo governo angolano logo após a independência, que cuidava das publicações e divulgações das produções literárias de seus membros, escritores angolanos filiados ao MPLA, tendo desempenhado cargos diretivos nessa entidade. A respeito da UPA, em entrevista concedida

⁸ Uma das dezoito províncias de Angola, situada como um enclave no Congo. Ver mapas 4 e 5 em anexo.

em 2003 ao antropólogo Frank Nilton Marcon, publicada em sua tese de doutorado no ano de 2005, disse Pepetela:

Em 1975, houve um grupo, acho que começou com o Luandino Vieira, o Manuel Rui Monteiro e Costa Andrade. Foram os três que começaram a discutir a ideia de criar a União. Isto ainda antes da independência. Depois deste grupo, o Arnaldo Santos e eu junto com os três escrevemos a proclamação da “União”, que foi proclamada no dia 10 de dezembro de 1975. Depois, mais tarde, nós os cinco formamos a comissão de instalação e dirigimos os destinos da organização por alguns meses até haver uma direção, já eleita. E fui eu a dar posse ao presidente Agostinho Neto como presidente da Assembleia Geral da União. Quer dizer eu lhe disse “tome posse”, e quem era eu para lhe dar posse, e ele “tomou posse” (risos). E, desde então, colaborei muitas vezes, estive na direção, e em alguns momentos que estive no governo não poderia lá estar, mas depois que saí do governo estive muito tempo nas relações exteriores da União, depois fui presidente da direção, durante dois ou três mandatos e depois mais tarde fui presidente da Assembleia Geral e pronto, depois saí já há um ano e tal, para os mais novos ocuparem. (MARCON, 2005, p. 264)

Grande parte da sua obra literária foi publicada após a independência de Angola, sendo alvo de inúmeros estudos em várias universidades e instituições de ensino em Angola e outros países. As suas obras foram publicadas em Angola, Portugal, Brasil, além de estarem traduzidas em quinze línguas.

As suas obras publicadas são: "As Aventuras de Ngunga" (1973), "Muana Puó" (1978), "A revolta da casa dos Ídolos" (1979), "Mayombe" (1980), "Yaka" (1985), "O cão e os calús" (1985), "Lueji" (1989), "Luandando" (1990), "A geração da utopia" (1992), "O desejo da Kianda" (1995), "Parábola do cágado velho" (1996); "A gloriosa família" (1997); "A montanha da água lilás" (2000), "Jaime Bunda, agente secreto" (2001), "Jaime Bunda e a morte do americano" (2003), "Predadores" (2005), "O terrorista de Berkeley, Califórnia" (2007), "O quase fim do mundo" (2008), "O planalto e a estepe" (2009), "A sul. O sombreiro" (2011), "O tímido e as mulheres" (2013).

As Aventuras de Ngunga e *Mayombe* foram escritos durante sua atuação como guerrilheiro do MPLA. Conforme dito anteriormente, Pepetela chefiou o setor de educação do movimento desde que foi recrutado para a luta armada em Cabinda, no ano de 1969. Nesta região, o escritor atuou como jornalista da rádio do MPLA (Angola Combatente). “Tentei fugir mas sempre me impuseram a educação. Diziam que era o mais capaz. Andava de escola em

escola, a ver as dificuldades, a apoiar os professores e a fazer relatórios para o MPLA.” (PEPETELA, 2011, p. 3). Durante o período em que escreveu *Mayombe*, Pepetela prestava auxílio ao serviço de informação e a um programa de rádio do MPLA. “Passaram a lhe pedir para que gravasse os combates em que se pudesse ouvir o barulho das armas e acompanhar as notícias militares da guerra contra o colonialismo português. Foi quando passou a vivenciar a guerrilha escrevendo ‘relatos’ de guerra.” (MARCON, 2005, p. 22)

Pepetela falou brevemente sobre a gênese desse romance em entrevista a Frank Marcon, citada anteriormente. Segue o trecho:

Aí fizemos a operação com a qual começa o *Mayombe*, esta operação no rio... Então, quando terminamos a operação eu escrevi o comunicado de guerra e disse êpa, passou-se tantas emoções, tantos pensamentos, tantas coisas bonitas e más e isto fica numa fria página de relatório, isto é muito triste... Eu tirei a primeira página, enviei para a informação e comecei a escrever a operação como eu a vi. E aí nasceu *Mayombe*. Todas as noites eu ia escrevendo, escrevendo... É uma crônica romanceada, em que num momento dado as pessoas ganharam consistência, a história começa a encorpar-se e o resto não aconteceu mesmo, já é ficção pura. Ficção pura com muitos dados daquilo que eu ia aprendendo. Aquelas discussões todas, do tribalismo, eram coisas que se passavam, que no livro talvez estejam um pouco exageradas, mas eu escrevia para aprender. Eu não estava escrevendo algo para ser publicado, era para mim. Eu escrevia para aprender. Para saber atuar perante as questões que enfrentaria no dia-a-dia. Foi um bocado isto. Houve um boato de corrupção dentro do MPLA e eu queria era entender como as coisas aconteciam de um lado e de outro, como as pessoas se moviam, etc, como é que apareciam as pessoas. Mas, não tinha a intenção... É engraçado, mas não nasceu como romance. Acaba sendo um grande romance, talvez por isto. Por não ter a pretensão. (MARCON, 2005, p. 257)

Já *As Aventuras de Ngunga* esteve diretamente ligado ao projeto educacional do MPLA, visto que seu objetivo inicial era servir como uma cartilha para alfabetização das crianças nas bases. No excerto abaixo, extraído de uma entrevista concedida ao antropólogo Carlos Serrano em 1985, publicada como anexo de um artigo no ano de 1999, Pepetela falou brevemente sobre a concepção desse romance.

“Escrito em Cabinda em 71. Pensado em 70 mas escrito em 71. [...] Mas tinha outro objetivo, já era para ser publicado. Não como livro, mas como folhas, na escola. Aí talvez se veja melhor, já há uma preocupação didática. A questão da linguagem já é muito mais cuidada para ser entendida por crianças.

Os temas tratados mais resumidamente. Mais ou menos todos os capítulos ficaram com o mesmo tamanho, até. Havia uma preocupação didática, podiam ser distribuídos.

Aí sim já havia outro objetivo. Aí foi escolhida a ficção por ter maior impacto, as idéias passavam, as crianças e os guerrilheiros também podiam ler, interessar-se-iam porque era uma obra de ficção, complementava, digamos, o texto político que estavam acostumados a ler.

Agora o *Mayombe* não tem essa preocupação.” (SERRANO, 1999, 137)

Em ambos romances Pepetela deixa explícito seu desejo pela independência de uma Angola unificada, onde as diversas nações se tornassem somente uma, na luta contra o inimigo colonialista. Através do protagonismo dos angolanos, nas bases militares ou nas aldeias, o autor defende o projeto político do MPLA de construção de uma identidade nacional.

A seguir, examinarei os romances segundo a ordem cronológica da primeira publicação.

1.1 AS AVENTURAS DE NGUNGA E A CARTILHA DO GUERRILHEIRO NA GUERRA ANTICOLONIAL

As Aventuras de Ngunga, inicialmente, não seria um romance, pois começou a ser escrito com um objetivo pedagógico: servir de cartilha para a alfabetização dos combatentes. O autor decidiu escrever esta narrativa após visitar algumas escolas de base do MPLA e constatar que os livros utilizados não traziam textos nas línguas locais, o que dificultava o processo de alfabetização dos guerrilheiros.

“O *Ngunga* não ia ser livro. Eu estava no Leste e estava a fazer um levantamento das bases do MPLA, pela primeira vez ia-se saber quantas bases havia, quantos homens havia, quantas armas... os textos eram traduzidos para Mbunda e depois eu tentava dar-lhes regras gramaticais reescrevendo o Mbunda, assim os miúdos podiam aprender a ler na sua língua e recorrer a ela sempre que tivessem dificuldade nalguma palavra em português. Quando acabei cheguei à conclusão que aquilo era uma estória, dei-lhe um fio condutor e mais tarde decidimos publicá-lo”⁹.

No seguinte trecho de uma entrevista concedida a Frank Marcon, citada anteriormente, Pepetela falou um pouco mais sobre a concepção da obra:

Então escrevi o primeiro texto e arrumei um personagem que era um pioneiro, pioneiro é um jovem da escola. Depois escrevi dois, três, sobre a questão do nascimento, que era mais para tratar do nascimento das crianças, as relações familiares, sociais, naquelas regiões como é que eram, e criticar algumas coisas que havia a criticar das relações das sociedades tradicionais com os guerrilheiros, etc. Aí eu percebi que a ideia era que os textos fossem pequenos e muitos simples, uma linguagem o mais simples possível, que pessoas que soubessem muito pouco o português compreendessem e para que fosse traduzido para mbunda e as pessoas que só soubessem mbunda pudessem ler e iriam ler na sua própria língua que não estava escrita. Um professor andava comigo e depois que eu escrevia ele traduzia. Sobretudo o texto escrito em mbunda foi muito criticado porque fora escrito em mbunda tradicional. A ideia é que o texto fosse publicado aos pedaços, mas não chegou a ser assim e os escritos foram ficando num caderno, por diversas questões até que mudei de sítio, onde estava o Costa Andrade, que disse isto já é um livro e tem de ser publicado já e depois que os mbunda se entenderem sobre qual o mbunda em que se deve publicar, publicamos em mbunda, mas pra já publicarmos em português. O Costa Andrade era o diretor do Departamento de Cultura. Eu disse ok. Então foi publicado em 1973. Não mudei nada para que os leitores percebessem que é um livro que se foi criando. Antes da independência 300 exemplares foram feitos mimeografados e distribuídos lá pela região. Logo a seguir o “25 de abril”¹⁰, portanto

9 Conforme depoimento publicado pela Universidade de Lisboa através do Centro de Investigação para Tecnologias Interativas (CITI). Disponível em: <<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>>. Acesso em: 01/06/2019.

10 Referência à Revolução dos Cravos

em 1974, saiu o livrinho e depois aqui num jornal. Depois foi publicado após a independência e teve uma enorme expansão, edições monstruosas mesmo, já em 1977. (MARCON, 2005, p. 258)

A obra, dividida em vinte e oito pequenos capítulos (cada um possui menos de duas páginas) e um epílogo, trata da trajetória de um jovem órfão chamado *Ngunga*, que percorre diversos locais em Angola e vai se desenvolvendo e amadurecendo através de suas experiências, aprendizados e tomadas de decisões. A narrativa é simples, direta e panfletária, no sentido de mostrar a importância do contato do MPLA com a população, de defender a ideologia do movimento, da educação enquanto instrumento de combate ao colonialismo, da união de todos contra o inimigo comum (o colonizador) e da conscientização acerca de uma identidade nacional angolana.

As experiências que *Ngunga* adquire através de sua passagem por diversos âmbitos sociais e pelo contato com representantes de diferentes posicionamentos ideológicos (representados por personagens secundários) resultam na renovação de sua consciência de sujeito angolano e na compreensão de seu lugar no combate contra a exploração pela metrópole lusitana. O percurso de *Ngunga* o modifica, de modo que, no final da narrativa, “um homem tinha nascido dentro do pequeno *Ngunga*” (PEPETELA, 1981, p. 56).

Partindo do amadurecimento que essa vivência lhe proporciona, ele desenvolve uma nova percepção de si mesmo e do papel dos angolanos no processo de emancipação de Angola. A construção do protagonista como um viajante subsidia as análises que esse personagem faz da realidade circundante, visto que, por meio de suas andanças, adquire uma visão mais ampla das necessidades daquele meio social.

O enredo do romance representa também uma denúncia da corrupção praticada pelos próprios angolanos em posições privilegiadas no regime colonialista, destacando que a construção de uma nação livre não implica apenas em uma luta contra o domínio do colonizador, mas também em uma luta contra a velha mentalidade, no sentido de fomentar a descolonização internamente.

Na trajetória de formação do caráter do protagonista se destacam as reflexões a respeito das relações entre os moradores dos kimbos¹¹, bem como a respeito do comportamento de chefes locais e membros do MPLA que ocupam lugares de poder no âmbito do Movimento.

Outros personagens se destacam na trama: *Nossa Luta*, amigo que abrigava *Ngunga* no início da estória e se tornou guerrilheiro mais tarde; *Kafuxi*, chefe local de um importante kimbo; *Mavinga* e *Avança*, comandantes de esquadrões do MPLA; *União*, professor que ensinou e deu moradia a *Ngunga*; *Uassamba*, moradora de um kimbo, por quem *Ngunga* se apaixonou; *Chipoya*, chefe local do kimbo de *Uassamba*.

Diversas situações impelem o jovem *Ngunga*, de apenas 13 anos, a viajar (em longas caminhadas) por diferentes lugares e ir conhecendo a realidade de algumas aldeias angolanas durante a luta anticolonial. Num primeiro momento ele vai pra um povoado receber tratamento médico por conta de um ferimento no pé e após ser medicado e refletir sobre seu estado de solidão, visto que o único amigo (*Nossa Luta*) partiu para uma guerrilha, resolve se instalar em outra localidade. Foi acolhido pelo chefe *Kafuxi*, passando a morar com sua família, com a incumbência de ajudar nos afazeres domésticos.

Em sua nova moradia, *Ngunga* passa pela primeira de suas decepções com os homens. O chefe *Kafuxi* é um exemplo de líder local que não contribui efetivamente com o movimento, apresentando em vários momentos uma personalidade individualista, contrária ao ideário coletivo de libertação nacional. O seguinte trecho mostra uma de suas atitudes, negando auxílio aos combatentes: “quando chegava um grupo de guerrilheiros [...] (*Kafuxi*) mandava esconder a fuba. Dizia às visitas que não tinha comida alguma” (PEPETELA, 1981, p. 15).

Na narrativa, *Kafuxi* é a representação de alguns dos obstáculos que os movimentos de libertação enfrentavam e poderiam causar o atraso da independência nacional ou, talvez, o fracasso dos esforços dos guerrilheiros.

11 Povoados, aldeias.

As atitudes do jovem *Ngunga*, em contraponto a sujeitos como o chefe *Kafuxi*, incentivam o comprometimento com os propósitos da luta anticolonial, como neste trecho onde o garoto resolveu desmascarar o chefe *Kafuxi* diante de um comandante de um esquadrão do MPLA:

E, um dia em que apareceu o comandante do esquadrão com três guerrilheiros, aconteceu o que tinha de acontecer.
O velho lamentou-se da fome, dos celeiros vazios. Mandou trazer um pratinho de pirão para o comandante. Para os outros nada havia. O comandante teve de dar dois metros de pano e outro pratinho apareceu.
Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fuba, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi a cubata arrumar as suas coisas. Partiu, sem se despedir de ninguém. O velho Kafuxi, furioso, envergonhado, só o mirava com os olhos maus. (PEPETELA, 1981, p. 15-16)

Dando continuidade a sua caminhada, *Ngunga* encontrou uma secção (base) de guerrilheiros do MPLA, e após a imensa tristeza ao saber da morte de seu amigo *Nossa Luta*, resolveu aceitar o acolhimento oferecido pelos combatentes.

Nessa base, o jovem conheceu o comandante *Mavinga*, chefe do esquadrão local, sujeito com grande prestígio entre os moradores da região. A partir de então *Ngunga* adentrou uma nova etapa em seu processo de maturação, pois a despeito de sua vontade em ficar na base e ajudar diretamente os guerrilheiros, o comandante *Mavinga* o encaminhou para um kimbo onde pudesse estudar. *Ngunga* relutou muito, mas não convenceu o comandante, e então foi morar na escola sob a tutela do professor, *União*.

A escola tem um sentido especial no enredo, pois representa a importância da educação no projeto do MPLA, ressaltando que a formação de um bom guerrilheiro não pode prescindir os conhecimentos escolares. No dia de sua chegada na escola, *Ngunga* presenciou a cerimônia de abertura das aulas:

O povo veio com as crianças. O comandante falou-lhes. A escola já estava pronta, podiam começar as aulas. O professor União tinha sido enviado de longe pelo

Movimento, para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. O Movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim, o seu trabalho seria útil. As crianças deveriam aprender a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a Revolução, que era para o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados. Assim falou o comandante Mavinga, na abertura da escola. Depois falou o professor e o presidente do Comité de Ação, o camarada Livanga. (PEPETELA, 1981, p. 25-26)

As experiências no ambiente da escola contribuíram muito para a formação do combatente *Ngunga* no sentido amplo. Morando com o professor e *Chivuala*, um aluno mais velho, o garoto deu provas de sua lealdade e senso de coletividade. *União* percebeu que *Chivuala* o enganava e mesmo ciente da situação, mas sem poder provar nada, *Ngunga* não o acusara. O trecho abaixo mostra a reação do professor ao desmascarar *Chivuala*:

– Não, Chivuala, o Ngunga não se queixou. Mas eu vi tudo. Perguntei-lhe e o Ngunga não quis acusar-te, disse que tinha caído. O Ngunga é incapaz de acusar os outros, ele mesmo espera que os outros confessem eles mesmos, como ele faz quando erra. O Ngunga é um bom pioneiro, corajoso e sincero. Ele não quis denunciar-te, quando roubaste a comida. E sabia que tinhas sido tu. Suportou a minha desconfiança. Devo dizer-te que, desde o princípio, pensei que eras tu, Chivuala. Outro qualquer teria vindo dizer-me que tinhas sido tu, para eu não suspeitar injustamente dele. Não o Ngunga. Infelizmente, tu não és assim. Tens inveja do Ngunga, não podes aguentar que ele seja melhor do que tu. Por isso vais-te embora, não te quero aqui connosco. (PEPETELA, 1981, p. 31-32)

Após esse episódio, a escola foi atacada por soldados colonialistas, e o jovem aprendeu na prática a lutar como um guerrilheiro, ajudando o professor na contenção e até abatendo alguns inimigos. Após serem capturados pelos portugueses, *Ngunga* conheceu outro lado da luta, tendo contato com alguns presos e com agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado – PIDE. Chamou a atenção do garoto a fala do cozinheiro da cadeia, expondo sua mentalidade colonizada, indo contra tudo em que *Ngunga* acreditava:

[...] O cozinheiro era um velho resmungão. Já sabia da história de Ngunga.
– Vocês julgam que vão ser independentes – dizia ele. – Estúpidos! Se não fossem os brancos, nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro? E queres ser livre. Livre de quê? Para andares nu a subir nas árvores?
(PEPETELA, 1981, p. 37)

Ngunga soube que o professor *União* estava em outro local sendo muito torturado, mas não denunciou seus companheiros, aumentando ainda mais sua admiração pelo mestre. O garoto conseguiu fugir da cadeia e após muito caminhar encontrou uma secção do MPLA. Sua reflexão a seguir mostra como o autor procurou reforçar a luta contra o inimigo colonialista:

As pessoas de quem gostara e de quem não gostara vinham-lhe à lembrança: os pais, Mussango, Kafuxi, Imba, Nossa Luta, Mavinga, Chivuala, União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o padrão colonialista. Não eram como os G.E.¹² ou o cozinheiro da PIDE. Eram pessoas; os outros eram animais domésticos. (PEPETELA, 1981, p. 41)

Ngunga conseguiu reencontrar o comandante *Mavinga*, mas antes disso conheceu *Uassamba*, pela qual ficou encantado, mas passou a sofrer após saber que ela, apesar de muito jovem, era casada com o chefe da aldeia, *Chipoya*, sendo uma de suas quatro esposas, e se viu impotente para lutar contra essa situação.

O processo de transformação de *Ngunga* em guerrilheiro vai do início ao fim da obra, sendo o eixo em torno do qual se desenvolve a narrativa. Assim, ele é a representação do cidadão ideal da nação que se deseja construir, de forma que a construção do protagonista no enredo tem como objetivo despertar o guerrilheiro dormente no interior de cada angolano, pois, de acordo com a obra, esse guerrilheiro está presente em todos que não aceitam os grilhões do colonialismo. A partir da preocupação de delinear esse tipo de cidadão que se pretende formar, o conteúdo da narrativa centra-se na luta pela libertação, nos efeitos da colonização sobre a sociedade angolana e nos aspectos que precisam ser superados para a construção plena de uma nação em um meio multicultural. *Ngunga*, então, como esse tipo ideal, procura combater o sistema vigente e compreende seus direitos e deveres, assumindo seu lugar na luta pela independência.

Considerando a função didática da obra, pode-se acrescentar que há a pretensão de inculcar nos angolanos o modelo de guerrilheiro representado na figura de *Ngunga*. Assim,

12 Grupo Especial: Unidades de soldados angolanos no exército português.

seus aspectos morais, sociais e políticos deveriam ser observados e seguidos, como qualidades a serem desenvolvidas por quem também deseja a libertação de Angola.

Para o ensino de história da África, *As Aventuras de Ngunga* apresenta variadas possibilidades de temáticas a serem exploradas para a apreensão de conhecimentos históricos por parte dos estudantes. Conforme o resumo do enredo acima, as lutas de libertação se configuram num tema que acompanha a trajetória de seu protagonista. Nele, o professor pode utilizar sequências que mostram as ações dos grupamentos do MPLA junto às populações nos kimbos (aldeias), bem como os diálogos que mostram as relações estabelecidas entre o movimento e os chefes locais para que se pudesse obter o apoio do povo nas zonas rurais. Cenas retratando ataques das tropas colonialistas e o contato dos combatentes com os inimigos portugueses também contribuem para a apreensão do contexto histórico da luta anticolonial no interior angolano naquele momento.

Outro tema relevante na trama se refere a identidade nacional, a qual aparece fundamentalmente na oposição ao inimigo colonialista, no retrato literário dos kimbos angolanos sofrendo de forma parecida com os problemas causados pelos portugueses e nas chamadas que o narrador faz a todo momento pela união entre os moradores das aldeias e os militantes do MPLA, tudo isso mantendo ocultas as diferenças nacionais, visto que em momento algum o autor faz referência específica a alguma das nações que habitavam o solo angolano. O território angolano é apresentado na trama como um local homogêneo, de certa forma, não considerando sua diversidade cultural. Nesse aspecto, entendo que a opção por essa construção literária revela o compromisso do autor com o projeto político de unificação nacional do MPLA. As próprias críticas aos chefes das aldeias e a algumas tradições locais indicam a busca pela construção de um caminho unificado do ponto de vista da nação.

Algumas sequências e trechos do romance podem ser utilizados didaticamente pelo professor de história ao abordar o tema da identidade nacional de modo ampliado. No resumo acima foram observadas algumas críticas aos chefes locais através principalmente do exemplo da conduta do chefe *Kafuxi*. No que concerne ao combate a algumas tradições,

a obra descreve como degradante e desumana a prática do alambamento¹³ (realizada pelos povos bantu, consiste numa espécie de dote pago à família da noiva, garantindo o casamento dela com o sujeito que pagou), origem do casamento de *Uassamba* com o chefe *Chipoya*. Há um esforço estratégico de mostrar a necessidade de uma reformulação do pensamento dos angolanos, de acordo com o ideal nacionalista, que pretende construir uma Angola livre do domínio colonial. A obra tem, portanto, o sentido de um instrumento político que objetiva a transformação na postura social e no comportamento dos indivíduos que constituirão a nação, a partir do questionamento ou do rompimento com algumas tradições. No trecho abaixo, temos uma conversa entre Ngunga e o comandante Mavinga, onde o jovem expõe seu aborrecimento com o alambamento:

Oh, este Mundo está todo errado! Nunca se pode fazer o que se quer!
 – Hei de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga, raivoso. – Não são bois!
 – Para isso precisas de estudar. Eu não sei sobre o alambamento. Sempre se faz, os meus avós ensinaram-me isso. Mas, se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então deves estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós? (PEPETELA, 1981, p. 53)

A memória é outro tema inserido na obra, passível de ser utilizado didaticamente pelo professor de história. Em *As Aventuras de Ngunga* as memórias se referem ao protagonista da trama, através das quais passamos a conhecer seu passado de sofrimentos causados pelo regime colonial, que o levaram a ser um órfão, bem como compreender alguns dos fatores que concorreram para que ele viesse a encarnar desde jovem a mentalidade de um guerrilheiro.

Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que era já velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito. Só ficou Mussango, que foi apanhada e levada para o posto. Passaram quatro anos, depois desse triste dia. Mas Ngunga ainda se lembra dos pais e da pequena Mussango, sua irmã, com quem brincava todo o tempo. (PEPETELA, 1981, p. 4)

13 Fonte: MARTINS, Maria do Rosário Antunes Rodrigues; TAVARES, Ana Cristina Pessoa. Singularidades museológicas de uma tábua com esculturas em diálogo: do alambamento ao casamento em Cabinda (Angola). **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 83-115, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000200083&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n02d04>.

Os temas extraídos e suas aplicações pedagógicas, conforme demonstrado acima, nos permitem compreender aspectos históricos através de uma literatura de combate. Ao problematizar a estrutura social de Angola, o personagem *Ngunga*, através de suas reflexões e transformações, vai se tornando um militante pela libertação de Angola ao longo da obra. Esse processo dura até o momento em que ele se transforma totalmente e, por isso, muda de nome, sem no entanto o revelar, sugerindo que o futuro de Angola, representada pelo protagonista na obra, ainda não estava definido, mas que deveria ser diferente após a guerra de libertação.

Pepetela cumpriu, nesta obra, a função de incentivar a formação de protagonistas na luta pela independência de seu país, tendo em vista a clareza na linguagem e na mensagem pautada na importância de uma luta organizada e com ampla participação popular, objetivando a surgimento de um país livre e unificado, do ponto de vista das múltiplas identidades presentes no território angolano, revelando a opção política do MPLA na concepção da Angola independente.

1.2 MAYOMBE E A VISÃO DOS GUERRILHEIROS NA LUTA PELA LIBERTAÇÃO

O romance *Mayombe* apresenta importantes aspectos de um compromisso político estreitamente ligado à luta anticolonial e ao projeto de nação defendido pelo MPLA, do nascimento de um país livre e socialista. A obra, dividida em cinco capítulos, trata das experiências e problemas enfrentados por um grupo de guerrilheiros do MPLA, numa base no interior da floresta do Mayombe, na província de Cabinda, relatando seus medos, perspectivas, ambições, dificuldades, renúncias e necessidades: a luta individual de cada personagem por uma causa coletiva.

O Mayombe começou com um comunicado de guerra que fiz para a rádio. Achei-o tão interessante que o continuei, já com personagens. Tirei a primeira página, que enviei para a informação, e depois continuei. Na fronteira tinha mais disponibilidade, podia escrever de dia. Dizia aos meus companheiros: estou a escrever para perceber o que estou a fazer, estou em busca da realidade. (PEPETELA, 2011, p. 4)

Partindo da visão dos combatentes, Pepetela desenvolve uma trama em torno de dois aspectos principais: a busca pela formação de uma identidade nacional angolana e as lutas de libertação.

Os personagens que compõem a guerrilha na base possuem nomes de guerra conforme fatores como: objetivos do MPLA, características pessoais, função desempenhada no movimento. Assim, temos o personagem *Sem Medo* (o comandante), *Teoria* (o professor), o *Comissário*, o *Chefe de Operações*, *Muatiânvua* (o marinheiro), *Milagre* (o da bazuca), *Verdade*, *Lutamos*, *Ingratidão do Tuga*, *Mundo Novo* (intelectual marxista ortodoxo que estudou fora do país), dentre outros.

Fora da base, outros personagens de destaque são *Ondina* (professora na cidade de Dolisie, noiva do Comissário) e *André* (responsável pela administração na cidade de Dolisie). Dolisie é uma cidade situada em território congolês, a nordeste da província de Cabinda, onde funcionava a burocracia administrativa do MPLA para atendimento e suporte técnico e logístico às bases próximas.

A floresta do Mayombe, densa e de clima equatorial úmido, acaba por se constituir como um relevante personagem do enredo. Suas características próprias, sua relação com os guerrilheiros influenciando e até mesmo definindo muitas de suas ações, sua resiliência diante da exploração colonialista, são alguns dos aspectos presentes na obra, demonstrando a importância desta floresta como elemento próprio da realidade angolana.

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. A folhagem da abóbada não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde. Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira. (PEPETELA, 1982, p. 42)

A estrutura narrativa da obra é polifônica (várias vozes), na qual um narrador onipresente e onisciente se intercala com alguns dos personagens guerrilheiros. Cada um desses observadores-participantes, com origem, ideologia, visão e propostas próprias, possui também ideais distintos, evidenciando os problemas para se conseguir a unidade na luta pela libertação de um país com uma sociedade demasiado complexa e diversa do ponto de vista cultural. Os personagens centrais, a floresta e o comandante Sem Medo, são referenciados pelos narradores na maior parte do tempo.

As lutas de libertação perpassam toda a trama, e em grande medida definem a estrutura narrativa. A sequência dos capítulos acompanha o desenvolvimento das batalhas de uma tropa do MPLA contra os colonialistas.

No primeiro capítulo, *A Missão*, o grupo de guerrilheiros do MPLA segue em marcha na floresta do Mayombe em meio a uma missão objetivando encontrar civis locais e colonos portugueses, bem como armar emboscadas contra o exército lusitano. Alguns dos combatentes vão sendo conhecidos através de seus relatos, diante das dificuldades e desafios encontrados. A tropa obtém êxito nesse primeiro objetivo específico, mas não sem

passar por problemas como as divergências sobre como abordar e convencer os trabalhadores a apoiarem o movimento, a questão do furto a um trabalhador e o acirramento das diferenças nacionais, conforme trechos analisados anteriormente.

O segundo capítulo, *A Base*, como o próprio título denota, trata do funcionamento orgânico da equipe de guerrilheiros em sua base na mata. Nesta parte, as relações entre os combatentes e entre eles e o Mayombe ficam ainda mais intensas, sendo esta floresta um palco de batalhas e esconderijo, um aliado em potencial para os soldados angolanos e uma permanente fonte de alimentos.

A comida faltava e a mata criou as «comunas», frutos secos, grandes amêndoas, cujo caroço era partido à faca e se comia natural ou assado. As «comunas» eram alimentícias, tinham óleo e proteínas, davam energia, por isso se chamavam «comunas». E o sítio onde os frutos eram armazenados e assados recebeu o nome de «Casa do Partido». O «comunismo» fez engordar os homens, fê-los restabelecer dos sete dias de marchas forçadas e de emoções. O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou mostrá-lo aos homens: encarregou os gorilas de o fazer, que deixaram os caroços partidos perto da Base, misturados com as suas pegadas. E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam. (PEPETELA, 1982, p. 42)

A precariedade no apoio dispensado pela direção em Dolisie, na figura do responsável *André*, gera insatisfações que ficam evidentes nesse momento da trama, principalmente após a tropa receber um incremento de dezessete jovens guerrilheiros, motivo de muita reclamação do comando da tropa por conta da inexperiência dos novos comandados e da falta de provisões, tendo em vista que a chegada desse pessoal não veio acompanhada do envio de mantimentos, agravando uma situação onde passaram a ter mais bocas para os poucos alimentos que ainda restavam. Diante desse quadro, o comando decide enviar representantes para tratar diretamente com o responsável em Dolisie, expondo ainda mais os problemas no funcionamento interno do movimento.

O terceiro capítulo possui o nome da noiva do *Comissário*, *Ondina*, e segue o desdobramento dos desgastes entre a tropa e a direção em Dolisie. A falta de mantimentos concorre para uma situação de fome, afetando gravemente o relacionamento entre os combatentes, e o grupo passa a ficar dividido em função das origens nacionais e das

afinidades com algum dos membros do comando da tropa. *Ondina* foi flagrada traindo o *Comissário* com *André*, catalisando ainda mais as insatisfações contra o responsável de Dolisie, que teve seu cargo de direção revogado e passou a se esconder, diante da repercussão. O fato de *André* ser kikongo¹⁴ e o *Comissário* kimbundo¹⁵ contribuiu para amplificar as tensões. Ocorrem mudanças administrativas importantes: *Sem Medo* recebe de um dirigente do MPLA a ordem de nomeação para a chefia em Dolisie, de modo temporário, ao passo que indica o *Comissário* para o comando da tropa.

Chega a Dolisie o *mujimbo*¹⁶ dando conta da aproximação de tropas portuguesas à base dos guerrilheiros no Mayombe, formando um cenário de tensão para o encerramento deste capítulo e início do seguinte intitulado “A Surucucu”.

Após a informação, *Sem Medo* consegue reunir em pouco tempo trinta homens voluntários para ajudar a retomar a base e resgatar os possíveis prisioneiros. O grupo organiza-se para um ataque ao amanhecer na base que eles acreditam estar ocupada por portugueses. Durante a aproximação, pouco antes da ofensiva, se deparam com o *Teoria* no rio a banhar-se e descobrem que tudo não passara de um mal entendido onde o suposto ataque com tiros que *Vewê* (um dos jovens guerrilheiros, que foi até Dolisie avisar ao comando) tinha ouvido, na verdade eram os guerrilheiros tentando capturar uma cobra Surucucu que havia tentado dar o bote em *Teoria* no dia anterior, ali mesmo no rio. Após tal revelação, o clima ficou leve e até com muitas brincadeiras, apesar de ficarem definidas pelo comando algumas punições por conta do descuido com a situação. O comandante *Sem Medo* exaltou o poder de mobilização dos combatentes diante da situação de perigo, onde superaram até mesmo as diferenças de origem nacional para se unirem contra o ataque inimigo. Este capítulo encerra-se com a reunião do comando e a decisão de preparar um ataque contra a base dos portugueses que estava nas proximidades, aproveitando o impulso no movimento para ganhar terreno na guerra.

14Idioma falado pelos bacongós, habitantes da região da província de Cabinda, em Angola. No romance, Pepetela se refere a esse povo pela denominação de sua língua.

15Idioma falado na província de Luanda, donde o autor se refere aos sujeitos oriundos dessa região através da denominação de sua língua.

16 Palavra em idioma kimbundo que significa notícia ou boato, de acordo com o contexto.

A *Amoreira* é o nome do quinto e último capítulo, onde se desenrola o último combate do romance. Para esta ofensiva contra os tucas¹⁷ fica definido que o *Comissário* será o chefe da operação, visto que o comandante *Sem Medo* será transferido após a batalha para abrir uma nova frente de guerrilha no leste de Angola. Na noite anterior ao ataque, o comandante *Sem Medo* falou um pouco de sua concepção a respeito da revolução:

Virou-se para Teoria. Este ainda não dormia. Sem Medo segredou-lhe:
— O que conta é a ação. Os problemas do Movimento resolvem-se, fazendo a ação armada. A mobilização do povo de Cabinda faz-se desenvolvendo a ação. Os problemas pessoais resolvem-se na ação. Não uma ação à toa, uma ação por si. Mas a ação revolucionária. O que interessa é fazer a Revolução, mesmo que ela venha a ser traída. (PEPETELA, 1982, p. 164)

Apesar das importantes baixas no confronto, a tropa teve êxito e conseguiu expulsar os portugueses do campo de batalha. *Sem Medo* foi baleado de modo fatal e morreu nos braços do *Comissário*, junto a uma grande amoreira, daí o título do capítulo.

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam. A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida. E que faz o rosto do mecânico ali no tronco da amoreira! Sorri para mim.
Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde. (PEPETELA, 1982, p. 169)

O encerramento da narrativa apresenta uma defesa da unificação entre as nações que habitavam o território angolano através de uma espécie de conclusão de toda a luta no decorrer do enredo contra o inimigo colonialista, evidenciando, por parte do MPLA, o objetivo de unificação nacional, no sentido de reduzir as diversas nações a somente uma Angola..

Puseram os corpos do Comandante e de Lutamos no buraco e taparam-nos. O Comissário não falou, como lhe competia. Não haveria oração fúnebre. Ekuikui chorava silenciosamente. Verdade também.

17 Termo depreciativo se referindo aos portugueses

O Chefe de Operações disse:

— Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas. (PEPETELA, 1982, p. 170)

O enredo apresentado permite diversas possibilidades de abordagens e reflexões para o trabalho pedagógico em história da África, sobretudo através dos temas inseridos pelo autor no desenvolvimento da trama. Uma das mais importantes temáticas desta obra diz respeito às lutas de libertação, visto que o romance trata do desenrolar dos conflitos armados entre guerrilheiros pela independência e colonialistas a partir das experiências de uma tropa do MPLA numa região de Angola, situada na fronteira com o Congo. Desse modo, o enredo nos permite a compreensão contextualizada da luta do MPLA em aspectos como: as relações entre o movimento e as massas; as formas como a burocracia do movimento afetava as atividades da tropa; as concepções teóricas no movimento através da visão de seus combatentes; conflitos localizados contra os portugueses pelo domínio territorial.

No que concerne às relações com a população, a trama deixa evidente a necessidade do movimento em melhorar sua imagem junto ao povo, ganhar sua confiança para fortalecer a luta contra os colonialistas. Algumas ações do comando da tropa e avaliações de guerrilheiros indicam que o MPLA precisava lidar com o fato de muitos populares serem empregados nas companhias de exploração portuguesas, e diante disto deveriam ser traçadas estratégias para converter os trabalhadores em seus aliados, o que não era um consenso na tropa, tendo em vista que alguns guerrilheiros taxavam a grande maioria da população como traidores e até sugeriam que fossem eliminados aqueles que estivessem trabalhando nas empresas lusitanas. No enredo, uma ação exitosa, na qual os combatentes conseguiram transformar em seus apoiadores funcionários de uma empresa colonial de extração de madeiras, nos ajuda a compreender o funcionamento da exploração colonial com a qual a metrópole pilhava as riquezas do solo angolano utilizando a mão de obra local, conforme um diálogo onde um oficial do comando da tropa explica aos trabalhadores como os portugueses pagavam pouco a seus contratados por uma atividade com a qual eles lucravam muito e ainda roubavam o solo angolano (utilizando a ideia de um solo nacional, no caso).

Além das lutas de libertação, outros temas importantes podem ser identificados na trama construída pelo autor para serem explorados pelo professor de história junto aos educandos. Um dos principais diz respeito às identidades nacionais, visto que problemas e questões em torno das nacionalidades aparecem no romance principalmente nas seguintes abordagens: no projeto do MPLA para a formação de uma Angola independente; e na pluralidade da origem dos guerrilheiros, oriundos de diversas nações, às quais o autor se refere como tribos.

Diferentemente de *As Aventuras de Ngunga*, até pela distinção entre os objetivos das obras, em *Mayombe* as diferentes nacionalidades aparecem a todo momento, porém são tratadas como entraves ao projeto político do MPLA. Pepetela deixa explícita, em vários trechos do romance, a tentativa de diminuir as nações existentes em Angola na medida em que são denominadas como tribos e concebidas como um dos maiores problemas a serem equacionados para a construção do país independente. Tal como na obra anterior, isso denota o tipo de projeto de ruptura com o poder metropolitano proposto pelo MPLA, lidando com a diversidade de nações locais no sentido de suplantá-las em favor da criação e fortalecimento de uma unidade nacional angolana.

A narrativa transcorre mediante um processo onde o grupo de combatentes supera suas maiores dificuldades e finalmente atinge alguma coesão em torno da luta contra o inimigo colonialista ao passo que diminuem os conflitos internos gerados pelas diversas origens nacionais, culminando num final onde temos uma cena alegórica, em destaque acima no resumo do último capítulo, sugerindo o nascimento da nação angolana a partir da morte de outras nações.

Algumas questões, expostas no romance através da visão dos combatentes, são colocadas como obstáculos para o sucesso do projeto nacional do MPLA, tais como: a discriminação racial; a falta de apoio de grande parte da população à guerrilha; a relação entre as populações das diferentes nacionalidades que habitavam o território angolano, o qual teve suas fronteiras definidas arbitrariamente no processo de exploração colonial.

Problemas internos do movimento pela libertação, como o individualismo exacerbado e a corrupção, são entraves que Pepetela coloca como problemas a serem superados para a formação da nação livre.

Um dos relatos do personagem *Teoria*, o professor do grupo, aborda a questão racial na sociedade angolana:

Eu, O Narrador, Sou Teoria.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta. (PEPETELA, 1982, p. 4)

Todo o enredo é perpassado pelo ideia do “tribalismo”, modo como o autor se refere à diversidade nacional da população angolana. Diversos conflitos e divergências entre os militantes são catalisados por este elemento, definido como uma espécie de inimigo interno do movimento na luta pela construção de uma nação angolana unificada. O comandante *Sem Medo*, líder do grupo de guerrilheiros, protagonistas da trama, se mostra preocupado em resolver tais questões nos diversos conflitos com os quais se depara, buscando unir forças contra os inimigos colonialistas, e ao mesmo tempo pensando na concepção da Angola pós-independência.

A narração, a seguir, de um dos guerrilheiros, incomodado com as decisões do comando da base quanto ao roubo do dinheiro de um dos trabalhadores por parte de um combatente, exemplifica tais dissensões:

Eu, o Narrador, Sou Milagre, o Homem da Bazuka.

Viram como o Comandante se preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda? Não perguntam porquê, não se admiram? Pois eu vou explicar-vos. O Comandante é kikongo; embora ele tenha ido pequeno para Luanda, o certo é que a sua família veio do Uije. Ora, o fiote e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus primos. Por isso

ele protege Lutamos, outro traidor. E viram a raiva com que ele agarrou o Ingratidão? Porquê? Ingratidão é kimbundo, está tudo explicado. (PEPETELA, 1982, p. 28)

Os combatentes possuem diferentes experiências individuais que influenciaram em suas motivações para o ingresso nas lutas de libertação. *Teoria*, o professor, sofre por ser um mestiço e enfrenta seus medos na guerra em busca de um lugar na sociedade. *Lutamos* é outro personagem combatente motivado pela afirmação social, porém no sentido de mostrar que seu povo não é traidor do movimento, por ele ser o único de Cabinda dentre os guerrilheiros. *Mundo Novo*, intelectual marxista formado na Europa, acredita de modo dogmático na revolução feita por operariado e camponeses.

Outro tema recorrente na obra se refere aos efeitos da colonização portuguesa para os povos angolanos. O professor pode utilizar os relatos de alguns guerrilheiros a respeito do sofrimento causado pelo domínio colonial, casos de *Milagre* e *Muatiânvua*, ambos órfãos, e que presenciaram a exploração e a crueldade provenientes do colonialismo.

Milagre, na posição de narrador, relata as barbaridades que viu quando criança:

A minha terra é rica em café, mas o meu pai sempre foi um pobre camponês [...] Era miúdo na altura de 1961. Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até ao pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldôzer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça do meu pai. O buldôzer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha. (PEPETELA, 1982, p. 32)

O pai de *Muantiânvua* também trabalhou em terras ricas – na colheita do café, no caso – porém, por conta da exploração nos tempos coloniais, assim como o pai de *Milagre*, morreu pobre, deixando sua família em situação de miséria. Desse modo, as condições de vida e morte de seus pais alimentaram a vontade de vingança e os uniram na luta contra o colonialismo.

Outra possibilidade temática se encontra nas relações entre o movimento de libertação e as populações angolanas, exploradas na trama. O comando da tropa observou um distanciamento entre as populações civis e os combatentes do MPLA. Para enfrentar esse problema, foi realizada uma missão com duplo objetivo: capturar os trabalhadores de

uma companhia portuguesa que derrubava árvores na mata e preparar uma emboscada para os portugueses.

A missão é bem-sucedida e os trabalhadores são retidos. O objetivo junto aos trabalhadores é mostrar-lhes que o MPLA luta pelo povo angolano, e com isso fazer o movimento crescer com o apoio dos civis. O Comissário discursa para os trabalhadores no sentido de conscientizá-los politicamente, alegando a importância de todos trabalharem pelo povo de Angola e não para enriquecer os portugueses, que exploravam suas forças de trabalho pagando-lhes pouco e obtendo muito lucro. Após caminhar por algum tempo com os trabalhadores, sem amarrá-los ou usar de força contra eles, sendo que nenhum deles tentara fugir, eles são “libertados”. Segue um trecho do Comissário falando para os civis aprisionados:

— O que é vosso, os machados, as catanas, os canivetes, os relógios, o dinheiro, tudo o que é vosso, vocês vão levar convosco. E vão levar os machados e catanas dos que fugiram, para lhes entregar. Mas o que é do colonialista fica connosco. Os tugas dizem que somos bandidos, que matamos o povo, que roubamos. Fizemo-vos mal? Matámos alguém? Mesmo o branco, podíamos matá-lo, não quisemos. Não somos bandidos. Somos soldados que estamos a lutar para que as árvores que vocês abatem sirvam o povo e não o estrangeiro. Estamos a lutar para que o petróleo de Cabinda sirva para enriquecer o povo e não os americanos. Mas como nós lutamos contra os colonialistas, e como os colonialistas sabem que, com a nossa vitória, eles perderão as riquezas que roubam ao povo, então eles dizem que somos bandidos, para que o povo tenha medo de nós e nos denuncie ao exército. (PEPETELA, 1982, p. 21)

No desenrolar do enredo são apontados alguns problemas de ordem administrativa no movimento de libertação. Um exemplo disso era a carência no efetivo de guerrilheiros e apoiadores. A falta de pessoas para compor o comando em Dolisie, bem como os poucos guerrilheiros que havia naquela região, dificultavam o avanço das tropas e até mesmo a resistência aos ataques dos colonialistas, como neste trecho no início do romance onde o professor *Teoria* argumenta porque não pode deixar a base naquele momento:

O rio Lombe brilhava na vegetação densa. Vinte vezes o tinham atravessado. Teoria, o professor, tinha escorregado numa pedra e esfolara profundamente o joelho. O Comandante dissera a Teoria para voltar à Base, acompanhado de um guerrilheiro. O professor, fazendo uma careta, respondera:
— Somos dezasseis. Ficaremos catorze.

Matemática simples que resolvera a questão: era difícil conseguir-se um efetivo suficiente. De mau grado, o Comandante deu ordem de avançar... (PEPETELA, 1982, p. 4)

O comando da tropa na base – composto pelo comandante *Sem Medo*, o *Comissário* e o *Chefe de Operações* – e seus guerrilheiros apresentam diversas queixas contra a direção do movimento. Questões como a administração dos militantes e seus povos de origem, o distanciamento entre o movimento e as populações locais, especialmente em algumas regiões, o abastecimento das bases, o apoio logístico, a gestão dos recursos, são algumas geradoras das maiores insatisfações expressas por seus membros.

No que concerne ao tratamento dispensado aos militantes de acordo com suas origens nacionais, temos o exemplo do relato do guerrilheiro *Milagre*, o atirador de bazuca, aborrecido com a forma como comando está lidando com uma falta cometida por um dos soldados, e com o fato de estarem lutando na região de Cabinda onde, segundo ele, os combatentes não têm o apoio dos civis:

E eu fugi de Angola com a mãe. Era um miado. Fui para Kinshasa. Depois vim para o MPLA, chamado pelo meu tio, que era dirigente. Na altura! Hoje não é, foi expulso. O MPLA expulsa os melhores, só porque eles se não deixam dominar pelos kikongos que o invadiram. Pobre MPLA! Só na Primeira Região ele ainda é o mesmo, o movimento de vanguarda. E nós, os da Primeira Região, forçados a fazer a guerra aqui, numa região alheia, onde não falam a nossa língua, onde o povo é contra-revolucionário, e nós que fazemos aqui? Pobre MPLA, longe da nossa Região, não pode dar nada! (PEPETELA, 1982, p. 20)

Outros problemas aparecem nas denúncias pelo mau uso dos recursos destinados à guerra. A tropa convivia com a escassez de comida no interior do Mayombe e chegando a uma situação extrema, ao solicitarem alimentos em Dolisie, *André*, o responsável pelo comando local, alega que falta dinheiro para comprar comida e enviar aos combatentes. No entanto, as refeições dele e de sua família são fartas, como se pode observar pela indignação do *Comissário* durante um almoço em Dolisie para o qual havia sido convidado por *André*:

Sentaram-se à mesa e logo apareceram mais cinco que se sentaram e mais a mulher de André. Era fúnji com galinha, oferecida pelos congolese, segundo dissera André. A

galinha sabia mal ao Comissário, sabia-lhe a dinheiro do Movimento. Mas comeu. A raiva estava toda contida nele, raiva contra André mas, sobretudo, contra si próprio. Como é fácil enfrentar o inimigo! Mil vezes mais fácil que certos problemas políticos. Embrenhado em rancores íntimos, limitou-se a resmungar monossílabos às perguntas de André. Este desistiu de o fazer falar. (PEPETELA, 1982, p. 53)

As diferenças nas concepções político-ideológicas dos combatentes a respeito do movimento e dos rumos da independência ficam evidentes em alguns diálogos, permitindo ao professor de história selecionar trechos a serem explorados nas discussões e reflexões com os discentes. O comandante *Sem Medo* apresenta uma consistente formação intelectual aliada ao senso prático das lutas, o que o difere do guerrilheiro *Mundo Novo*, intelectual marxista com o qual diverge em alguns momentos, como se pode observar no trecho abaixo:

Mundo Novo pesava as palavras. Os recrutas iam-se aproximando, ao verem o Comandante fumar. Sem Medo mandou-os continuar os exercícios e observava-os.
 — Mas não acreditas, Comandante, que haverá homens totalmente desinteressados?
 — Jesus Cristo?... Acho que sim, existem alguns raros. Mas não o são sempre. O Comissário, por exemplo, é em certa medida um desinteressado. Penso que pode corresponder, nalguns eleitos, a um período determinado. Mas é temporário. Ninguém é perpetuamente desinteressado.
 — Nem Lenine?
 — Lenine! Eu não conheci Lenine, como poderei falar dele? Fala-me dos que conheço, dos homens que conheci. Devo dizer-te que nunca vi ninguém totalmente e permanentemente desinteressado. E não atires com os grandes homens na discussão, só para meter medo aos outros e dar força aos teus argumentos. Isso é truque de político![...]
 [...] Logo os olhos de Mundo Novo se iluminaram e continuou, mais firme:
 — Para se lutar duma maneira coerente, é necessário um mínimo de otimismo, de confiança nos homens. Estou a pensar em mim e tu estás a pensar em ti, Comandante! Eu tenho confiança. Se tu não fores otimista, não poderás combater.
 — Que faço eu?
 — Não nego que combates, não. Mas podes abandonar, se as dificuldades forem grandes, podes cansar-te mais facilmente que outro que seja mais otimista. É preciso ter uma fé profunda, para se poder suportar sempre tudo.
 Acabas de chegar, de entrar na guerrilha, pensou Sem Medo. Com que direito falas como se já tivesses aguentado inúmeras vicissitudes? Ainda nem viste a verdadeira guerra e já és capaz de dizer que resistirás mais do que eu. Estes jovens vêm todos da Europa com a ideia que o estudo teórico do marxismo é uma poção mágica que os fará ser perfeitos na prática. No entanto, é um tipo que é capaz de falar de frente ao seu Comandante, o que é uma boa base para começar; o resto virá talvez depois, com o tempo, com os pontapés que apanhar da vida. (PEPETELA, 1982, p. 48-49)

Neste outro trecho, temos um pouco da visão do combatente *Mundo Novo*:

Eu, o Narrador, Sou Mundo Novo.[...]

[...] Eu não sou egoísta, o marxismo-leninismo mostrou-me que o homem como indivíduo não é nada, só as massas constroem a História. Se fosse egoísta, agora estaria na Europa, como tantos outros, trabalhando e ganhando bem. Porque vim lutar? Porque sou desinteressado. Os operários e os camponeses são desinteressados, são a vanguarda do povo, vanguarda para, que não transporta com ela o pecado original da burguesia de que os intelectuais só muito dificilmente se podem libertar. Eu libertei-me, graças ao marxismo. (PEPETELA, 1982, p. 49-50)

As memórias se configuram em um tema importante, que atravessa o enredo, sobretudo nos relatos dos guerrilheiros, nos quais são desveladas as origens dos combatentes e os infortúnios causados pela exploração colonial. Abaixo temos o recorte de um trecho completo narrado por um dos personagens que através de suas memórias se remete a um fato histórico e a outras questões da configuração social de acordo com sua visão de mundo, o qual pode ser utilizado pelo professor de história ao discutir as referências históricas diretas na literatura e seus encaixes nas narrativas, por exemplo.

Eu, O Narrador, Sou O *Chefe De Operações*.

Não durmo, nesta noite que não acaba. *Sem Medo*, a meu lado, também não dorme. Mas não posso falar com ele. Nunca pudemos conversar. Ele é um intelectual, eu um filho de camponês.

Nos Dembos, os homens viviam miseráveis no meio da riqueza. O café estava em toda a parte, abraçado às árvores. Mas roubavam-nos nos preços, o suor era pago por uns tostões sem valor. E as roças dos colonos cresciam, cresciam, atirando as nossas pequenas lavras para as terras mais pobres.

Por isso houve Março de 61¹⁸. Eu era criança, mas participei nos ataques às roças dos colonos. Avançava com pedras, no meio de homens com catanas e alguns, raros, com canhangulos. Não podíamos olhar para trás: os kimbundos diziam que, se o fizéssemos, morreríamos.

As balas dos brancos eram água, diziam eles. Depois da independência renasceriam os que tinham caído em combate. Tudo mentira. Hoje vejo que era tudo mentira.

Massacrámos os colonos, destruimos as roças, mesmo o dinheiro queimámos, proclamámos território livre. Éramos livres. Os brancos durante séculos massacraram-nos, porque não massacrá-los? Mas uma guerra não se faz só com ódio e o exército colonial recuperou o território, o território livre voltou a ser território ocupado.

Vim para o Congo e no MPLA aprendi a fazer a guerra, uma guerra com organização. Também aprendi a ler. Aprendi sobretudo que o que fizemos em 61, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus, era talvez justo nesse momento. Mas hoje não pode servir de orgulho para ninguém. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político. Percebo o sentido das palavras, ele tem razão, nisso ele tem razão.

Só não tem razão em estar do lado do Comandante, que é kikongo. Foram os kikongos que vieram mobilizar-nos, que trouxeram as palavras de ordem do Congo de avançar à toa, sem organização. Os kikongos queriam reconstituir o antigo reino do

18 Referência ao massacre de colonos e trabalhadores no norte de Angola promovido pela União das Populações de Angola (UPA), movimento de luta pela libertação nacional liderado por Holden Roberto, no início da guerra de independência angolana. (Ver <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/lh/article/view/1555/0>)

Congo. Mas esqueceram que os Dembos e Nambuagongo sempre foram independentes do Congo. Pelo menos, a partir duma certa altura. Isso disseram-me os velhos dos Dembos e isso diz a história do MPLA. Porquê o Reino do Congo e não o Ndongo e não os Dembos?

Perdida a guerra de 62, os kikongos infiltraram-se no MPLA. O Sem Medo não. Ele é kikongo, mas nasceu em Luanda. O *Sem Medo* é um intelectual, é isso que complica as coisas.

Ele não dorme.

Não pode dormir. A sua Base está ocupada pelo inimigo. Foi ele que a construiu, foi ele que a impôs ao *André*, que a queria no exterior. É a sua Base. Por isso sofre. É uma derrota para ele. *Sem Medo* é um intelectual, o intelectual não pode suportar que o seu filho morra. Nós estamos habituados. Os nossos filhos morreram sob as bombas, sob a metralha, sob o chicote do capataz. Estamos habituados a ver os nossos filhos morrer. Ele não. A Base era o seu filho, criou-a contra todos. Contra nós mesmos, que queremos é voltar aos Dembos e a Nambuagongo, onde há verdadeiramente guerra popular. Ele acredita que a luta aqui é possível, que ela pode crescer. É o seu filho, está bem, é preciso compreender.

O *Comissário* diz que, se avançarmos a luta em Cabinda, as outras regiões estarão aliviadas, porque o inimigo terá de dividir forças. É verdade. Por isso, luto aqui. Mas não por Cabinda, que não me interessa. Luto aqui para que a minha região tenha menos inimigos concentrados nela e assim possa ser livre.

Mas *Sem Medo* é um homem. Quando combate, tem o mesmo ódio ao inimigo que eu. As razões são diferentes, mas os gestos são os mesmos. Por isso o sigo no combate. O mal é ser um intelectual, é esse o mal: nunca poderá compreender o povo. Os seus filhos ou irmãos não morreram na guerra. Não, ele não pode compreender.

Ele não dorme.

Gostava de lhe explicar isto. Mas não sei como dizer. E ele não compreenderia. (PEPETELA, 1982, p. 145-147)

Conforme observado acima, diversos temas extraídos do romance permitem ao docente da disciplina história amplas possibilidades para fornecer aos seus alunos instrumentos para a apreensão dos conhecimentos históricos a respeito da independência de Angola, na perspectiva interdisciplinar com a literatura.

O romance *Mayombe* contribui em muito para a compreensão da luta anticolonial e do funcionamento do MPLA, nas ações de uma tropa em articulação com seu comando, diante das dificuldades impostas pelo contexto da guerra, pela configuração da sociedade, e a partir da visão de quem participa dos combates, sob as tintas produzidas pela memória viva e dinâmica de um militante combatente, revelando o tipo de proposta desse movimento de libertação para a construção da nova nação angolana pós-independência.

2. VIDA E OBRA DO AUTOR: LUANDINO VIEIRA¹⁹

José Luandino Vieira, pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça (poeta, contista, tradutor), nasceu na Lagoa do Furadouro (Portugal) em *4 de Maio de 1935*, mas emigrou com os pais para Angola em 1938. Participou das movimentações pela libertação nacional e contribuiu para o nascimento da República Popular de Angola.

Passou a sua infância e juventude em Luanda, onde fez o ensino primário e secundário. Foi preso pela PIDE em 1959, por conta de sua atuação no MPLA, e antes que pudesse se juntar à guerrilha foi preso novamente em 1961. Condenado a 14 anos de reclusão, em 1964 foi transferido para o campo de concentração do Tarrafal²⁰, Cabo Verde²¹, onde passou 8 anos. Durante a abertura promovida pelo governo de Marcelo Caetano em Portugal, foi libertado em 1972, mantido em regime de residência vigiada em Lisboa. Iniciou então a publicação da sua obra, na grande maioria escrita nas diversas prisões por onde passou.

Diferentemente de Pepetela, Luandino Vieira não atuou na luta armada, mas participou ativamente desde o princípio das movimentações anticoloniais no campo da produção literária e das atividades políticas de modo clandestino. Em entrevista concedida em 2007 a Joelma G. dos Santos, no Rio de Janeiro, o escritor falou sobre sua participação nas movimentações de contestação ao poder metropolitano, conforme o trecho a seguir

Então, podemos dizer que o movimento político ideológico que havia levado à independência do país teve sempre uma forte componente cultural e a aparecia visível sob essa forma cultural, porque a parte política obviamente era mais clandestina. Eu participei de ambas as coisas. Participei, e como era muito jovem, eu via os meus mais-velhos fazendo a revista Mensagem e o jornal Cultura, e tudo quanto eram as seções culturais do clube Botafogo que tinha um nome brasileiro e eu sempre participei disto colaborando com desenhos, com meus textos. E ao mesmo tempo também colaborava no movimento político traduzindo, por exemplo do inglês, poemas e textos, difundindo, distribuindo panfletos, aquela coisa da atividade política básica. Depois, quando começou a sério, com o início da luta armada em 61, eu preparei tudo para sair pro estrangeiro que era para, via estrangeiro, ir para o movimento, ir pra

19 Baseado em informações do site da União dos Escritores Angolanos. Disponível em <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/872-luandino-vieira>

20 Vila localizada na Ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde. Ver mapas 13 e 14.

21 Ver mapas 12 e 13.

guerrilha. Fui preso e fui condenado a catorze anos de cadeia, por tanto, minha participação foi buscando nas cadeias a conscientização junto de milhares e milhares de angolanos que tiveram esse destino durante os catorze anos da luta armada. Quando saímos das prisões e da guerrilha, todos estavam irmanados e sacudidos pela luta do exílio. Do exílio interior e do exílio exterior. Tudo isto era a marca dos combatentes. Sem grandes discriminações entre os combatentes de luta armada e os outros combatentes, são todos combatentes, e isso já é um conforto. O retorno disso tudo é que a juventude do meu tempo teve essa sorte histórica de ser jovem no momento histórico certo e ter entrado numa ação do processo. Podia ter dado derrota no processo. Isso se é nossa satisfação, no meu caso, é também o reconhecimento de que eu não fiz nada pra isso, eu estava no momento histórico correto e minha juventude estava lá. Só tive que escolher e não foi muito difícil escolher, mas tinha algumas coisas contra mim: era branco, classe média e queriam me destruir. Mas, estas duas componentes da luta da libertação de Angola estão ao longo da História. O povo sempre com sua resistência popular e depois aqueles que podemos chamar de intelectuais, ou camadas cultas, também com sua resistência sempre separados uns dos outros. Só num momento é que as duas correntes confluíram no MPLA, obtendo sucesso entre a luta popular das grandes massas, sobretudo, e os intelectuais. Mas, quando se juntaram no movimento deu certo. Enquanto estiveram separadas, as duas forças, não deu. (VIEIRA, 2007, p. 285-286)

A sua estreia literária foi feita na revista Mensagem, da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa, em 1950, tendo colaborado nesta revista em anos posteriores (1961-1963) e ainda em O Estudante (Luanda, 1952), Cultura (Luanda, 1957), Boletim Cultural do Huambo (Nova Lisboa, 1958), Jornal de Angola (Luanda, 1961-1963), Jornal do Congo (Carmona, 1962), Vértice (Coimbra, 1973) e Jornal de Luanda (1973), entre outros. Em 1975 regressou a Angola. Organizou e dirigiu a Televisão Popular de Angola (1975-1978), ocupou ainda os cargos de diretor do Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA (1975-1979) e do Instituto Angolano de Cinema (1979-1984), foi co-fundador da União dos Escritores Angolanos, sendo seu secretário-geral (1975-1980 e 1985-1992) e secretário-geral adjunto da Associação dos Escritores Afroasiáticos (1979-1984). Na sequência das eleições de 1992, e do reinício da guerra civil angolana, regressou a Portugal por razões familiares.

Recebeu vários prêmios literários: no ano de 1961 recebe o prêmio da Sociedade Cultural de Angola e da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa; em 1963 recebe o prêmio da Associação dos Naturais de Angola e o Prêmio Mota Veiga; em 1965 foi-lhe atribuído o *Grande Prêmio de Novelística* da Sociedade Portuguesa de Autores, para a sua obra "Luuanda". Na sequência desta atribuição, a Sociedade Portuguesa de Escritores foi

encerrada pela PIDE, e o júri perseguido. Em 2006, foi-lhe atribuído o Prêmio Camões, que, 'por razões íntimas e pessoais', recusou receber. E em 2008, foi-lhe atribuído o Prêmio Cultura do Ministério da Cultura do Governo de Angola.

A sua obra é composta de:

Contos e histórias curtas: *A cidade e a infância* (1957); *Duas histórias de pequenos burgueses* (1961); *Luuanda* (1963); *Vidas novas* (1968); *Velhas histórias* (1974); *Duas histórias* (1974); *No antigamente, na vida* (1974); *Macandumba* (1978); *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & eu* (1981); *História da baciazinha de Quitaba* (1986); *À espera do luar* (1998); *Kapapa: pássaros e peixes* (1998); e *A fronteira de asfalto* (2012).
 Novelas: *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1961); e *João Vêncio. Os seus amores* (1979).

Romances: *Nós, os do Makulusu* (1974); *Nosso Musseque* (2003); e *O livro dos rios, 1º vol. da trilogia De rios velhos e guerrilheiros* (2006).
 Infanto-juvenis: *A guerra dos fazedores de chuva com os caçadores de nuvens. Guerra para crianças* (2006); - Fábulas angolanas: *Kaxinjengele e o poder* (2007); *Kiombokiadimuka e a liberdade* (2008); *Puku Kambundu e a sabedoria* (2009); *Kaputu Kinjila e o sócio dele Kambaxi Kiaxi* (2010); *Ngola Mukongo e a Justiça* (2011); *Xingandele, o corvo de colarinho branco* (2012); *Dimandondo, o morcego dos três nomes* (2013); e *Katubia Ufola, o pássaro serpente* (2015).

As escolhas de *Luuanda* e *Nosso Musseque* como objetos de análise se devem aos seguintes fatores: foram escritos enquanto Luandino estava preso; retratam a cidade de Luanda no ambiente de forte repressão portuguesa e contestação anticolonial; e apresentam ao professor de história diversas possibilidades para compreensão das circunstâncias que antecederam a independência. Tais obras trazem algumas das principais características de sua literatura: a oralidade, as marcas identitárias e a memória. No caso dessas obras, as

vivências nos musseques compreendem a base das narrativas, visto que segundo o próprio autor,

Esses textos que se referem ao espaço cultural, mais do que físico e humano de Luanda, foram e continuam, quando são produzidos, a ser produzidos a partir da memória, da minha memória. E a minha memória é baseada numa vivência muito intensa, muito determinada, muito funda, eu ia dizer até muito séria para uma criança, que foi a minha infância. Eu era uma criança não muito participativa, mas era uma criança muito observativa. Tava sempre a observar. Então, tudo quanto se passava com a minha família, com as relações com as famílias vizinhas dentro do meu bairro, do meu musseque, que é a favela, tudo isso se gravou, não que eu estivesse determinado a gravar isso. Não. Duma maneira muito natural tudo isso entrou para dentro de mim e é a partir desse material que eu vou elaborando e criando os textos. (VIEIRA, 2007, p. 3)

Luandino expõe com seu traço a resistência da população pobre moradora dos musseques contra a exploração colonial, evidenciada pelas péssimas condições de infraestrutura e assistência social aos bairros periféricos da capital angolana. Essa literatura mostra um povo que, sobretudo, necessita do senso de união e coletividade, nesse cenário de opressão por parte dos colonialistas, e aparece como protagonista em diversas situações, teimando em expor suas marcas culturais.

“Nos livros, era quase ausente a grande camada dos angolanos. Eles não estavam nem na História que nos ensinavam nas escolas, nem na literatura, a não ser como personagens anedóticos. Tentei retratar os personagens que me pareciam representar a realidade social daquela época em toda sua grandeza e em todos os aspectos das suas vidas, como a exploração, a discriminação e todas as dificuldades que deram origem à sublevação para conseguir a independência política, sem a qual não era possível resolver os problemas do povo angolano.” (VIEIRA, 2010, p. 2)

Seguem os exames das obras sequenciados conforme a ordem cronológica da primeira publicação.

2.1 LUUANDA E A RESISTÊNCIA CULTURAL NOS BAIRROS POPULARES

Luandino Vieira escreveu *Luuanda* quando estava preso pela PIDE, na cadeia de São Paulo em Luanda, por suas atividades ligadas aos movimentos pela independência. A obra retrata o cenário de exploração dos moradores dos musseques (bairros periféricos) de Luanda, os quais conviviam diariamente com problemas como a falta de luz elétrica, saneamento básico, ruas asfaltadas, infraestrutura básica na construção das habitações, assistência social em geral, num quadro caótico promovido pela administração colonial.

O livro é estruturado em três contos: o primeiro, *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*, conta a história de um rapaz desempregado que, juntamente com sua avó, chega a um estado de miséria onde não havia o que comer em casa, a não ser raízes de plantas que vavó Xíxi pegara do lixo. O segundo conto, *Estória do ladrão e do papagaio*, fala sobre como ocorreu a prisão de um ladrão de patos, começando a história a partir de sua detenção; trata também da prisão de Garrido, ladrão do papagaio Jacó, porém dessa vez contando toda a história que motivou o homem a cometer esse delito. O último conto, *Estória da galinha e do ovo*, trata da briga entre duas vizinhas pela posse de um ovo, botado no quintal de uma delas, porém pela galinha que era propriedade da outra.

A oralidade é uma marca presente nas narrativas dos três contos a todo momento. Um narrador onisciente conta as histórias apresentando os diálogos dos moradores na forma como eles falavam. Vieira introduziu em seus textos o português falado nos musseques misturado ao kimbundo, com diversas palavras e expressões nesse idioma, apresentando-os não de forma exótica, mas integrada ao contexto maior da trama. A força da cultura local fica evidente através da língua, onde o português surge de modo bastante modificado, não se sobrepondo ao idioma kimbundo.

— Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete²², Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim...

22 Matete – mingau

Vavó Xíxi abanou a cabeça com devagar. A cara dela, magra e chupada de muitos cacimbos²³, adiantou ficar com aquele feitio que as pessoas tinham receio, ia sair quissemo²⁴, ia sair quissende²⁵, vavó tinha fama...

— Sukua'!²⁶ Então, você, menino, não tens mas é vergonha?... Ontem não te disse dinheiro 'cabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: não lhe avisei?... (VIEIRA, 1982, p. 6)

No que concerne ao tipo de conto literário desenvolvido em *Luuanda*, segue a definição dada pelo próprio Luandino Vieira em entrevista realizada aqui no Brasil em 2007, citada anteriormente:

“*Mussosso* é uma estória em que podem entrar seres, animais que falam com as pessoas, mas não são fábulas. O plural é *Missosso*. São estórias tradicionais que envolvem o cotidiano e factos, às vezes factos reais que passaram. Mas aí não deixa de entrar o elemento, não quero dizer mágico, nem maravilhoso, mas algum elemento que não é realista. E, por exemplo, na Estória da Galinha e do Ovo, os animais falam com as crianças e as crianças falam com os animais, daí eu o ter utilizado.” (VIEIRA, 2007, p. 2).

O gênero *misosso* é parecido com a fábula: há animais falantes e pensantes, e uma “moral da história”, constituída geralmente da vitória do mais fraco sobre o mais forte. Os contos de *Luuanda* possuem algumas características comuns a esse gênero.

Além da oralidade, outros aspectos importantes compõem os enredos de todos os contos: os impactos da colonização na vida dos moradores da periferia de Luanda (pobreza, exploração social, discriminação sociorracial); o protagonismo dos moradores dos musseques; a importância do senso de coletividade entre os populares para lutarem contra as adversidades.

No primeiro conto, *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*, a fome costura toda a narrativa. *Vavó* e seu neto lutam contra a miséria. *Vavó Xíxi*, uma mulher marcada pelo sofrimento que nunca tirara sua alegria: “*Vavó* encontrou a sua coragem antiga, sua alegria de sempre e, mesmo com o bicho da fome a roer na barriga, foi-lhe gritando, malandra e satisfeita” (VIEIRA, 1982, p. 16).

23 Cacimbo – época seca do ano; névoa, orvalho

24 Quissemo – zombaria

25 Quissende – repreensão

26 Sukua'! – expressão equivalente a “Ora!”

A exposição dos obstáculos colocados pela exploração colonial, os quais afetam a dignidade de vida dos personagens, e do espaço de discriminação imposto pelo sistema colonialista aos musseques, soam como um grito na narração literária, como no trecho a seguir do diálogo entre Zeca Santos e sua avó:

Zeca Santos fechou a cara magra com as palavras da avó. Na barriga, o bicho da fome, raivoso, começou roer, falta de comida, dois dias já, de manhã só mesmo uma caneca de café parecia era água, mais nada. Vavó quase a chorar lhe sacudiu da esteira com a vassoura para ele ir embora procurar serviço na Baixa e quando Zeca saiu, ainda falava as palavras cheias de lágrimas, lamentando, a arrumar as coisas: — Nem maquezo* nem nada! Aiuê*, minha vida! Esta vida está podre!... Agora, recolhida no canto, continuava soprar o fogo; a lata de água fervia, mas nada que tinha para pôr lá dentro. (VIEIRA, 1982, p. 7)

O passado vem à tona na memória de *Vavó Xíxi*, remetendo o leitor a tempos de outrora, numa espécie de comparativo com a atual opressão do colonizador, voltando-se para a identidade: “e a lembrança dos tempos de antigamente não foge: nada que faltava lá em casa, comida era montes, roupa era montes, dinheiro nem se fala” (VIEIRA, 1982, p. 13). O desfecho do conto envolve o leitor e coloca o narrador infiltrado na trama, sensibilizado pela dor da fome e pelas marcas do sofrimento no rosto de *Zeca Santos*.

O segundo conto, *Estória do Ladrão e do Papagaio*, narra a trajetória de *Lomelino dos Reis* e seus comparsas *Garrido Kam'tuta* e *Xico Futa* no roubo a sete patos, além do roubo do papagaio *Jacó*. A trama dos roubos estrutura as histórias de *Lomelino dos Reis* e *Garrido Kam'tuta* com a de *Xico Futa*, que já está preso na delegacia quando os dois são levados para lá, a do auxiliar *Zuzé*, e ainda a de *Inácia* e de outras personagens que vão desenhando a vida no musseque Sambizanga. Essas histórias se cruzam e interligam, formando uma rede que articula vários acontecimentos, onde o narrador começa pelo final (relatando o momento quando *Lomelino* foi detido) e daí em diante passa a voltar no tempo para explicar como as histórias de cada um vão se encaixar até chegarmos no instante em que os três estão na cadeia.

O trecho a seguir, parágrafo inicial do conto, traz uma breve descrição de seu personagem central:

Um tal Lomelino dos Reis, Dosreis para os amigos e ex-Loló para as pequenas, vivia com a mulher dele e dois filhos no musseque Sambizanga. Melhor ainda: no sítio da confusão do Sambizanga com o Lixeira²⁷. As pessoas que estão morar lá dizem é o Sambizanga; a polícia que anda patrulhar lá, quer já é Lixeira mesmo. Filho de Anica dos Reis, mãe, e de pai não lhe conhecia, o comerciante mais perto era mesmo o Amaral. Ou assim disse, na Judiciária, quando foi na justiça. Mas também podia ser mentira dele, lhe agarraram já com o saco, lá dentro sete patos gordos e vivos e as desculpas nasceram ainda poucas. (VIEIRA, 1982, p.32)

A terceira e última estória de *Luuanda* é a *Estória da galinha e do ovo*. A disputa por um ovo entre *Nga Zefa* e *Nga Bina*, duas negras vizinhas do musseque Sambizanga, acaba por envolver grande parte da comunidade local.

A galinha, que pertence a *Nga Zefa*, bota um ovo no quintal da gestante *Nga Bina*, e nesse momento começam as reivindicações pelo ovo. A primeira reivindica o ovo por ser a dona da galinha, enquanto sua vizinha argumenta que estava a alimentar a ave, que acabou por desovar em seu quintal. Inconformada, *nga Zefa* vai reclamar a posse do ovo em meio a “luta de arranhar, segurar cabelos, insultos de ladrona, cabra, feiticeira”. (VIEIRA, 1982, p. 83). A desordem se instala no musseque Sambizanga diante da impossibilidade das mulheres de definirem a quem pertence o ovo.

Várias pessoas aparecem para opinar e a mais velha, a *Vavó Bebeca*, surge como mediadora: “— Calma então! A cabeça fala, o coração ouve! Pra quê então, se insultar assim? Todas que estão falar no mesmo tempo, ninguém que percebe mesmo. Fala cada qual, a gente vê quem tem a razão dela. Somos pessoas, sukua’, não somos bichos!” (VIEIRA, 1982, p. 84).

Todo esse conflito se desenvolve num espaço aberto, “na hora das quatro horas”. (VIEIRA, 1982, p. 81). É fim de tarde, os homens ainda não voltaram do trabalho, as mulheres estão envolvidas com os afazeres domésticos, e as crianças ainda brincam na rua.

27 Musseque denominado Lixeira

No momento da *maka*²⁸, os moradores saem de suas casas e se reúnem, em espaço aberto à circulação de produtos, ideias e pessoas. Ou seja, a *maka* se processa num espaço de intensa socialização onde as pessoas se relacionam, discutem suas questões e deliberam sobre seus assuntos. Nesse local caberá a uma mulher, a velha *Bebeca*, por sua sabedoria de mais velha, investigar as perspectivas contraditórias que se apresentam em relação à posse do ovo, buscando opiniões de diversas pessoas.

Desse modo, a velha *Bebeca* convoca, para a *maka* da galinha e do ovo, não apenas as mulheres envolvidas na confusão, mas também outros sujeitos de acordo com suas ocupações e posições históricas e sociais no musseque Sambizanga, a começar pelo comerciante, num trecho onde se pode observar a influência de aspectos sociorraciais:

Puxando o pano em cima do ombro, velha *Bebeca* começou:
 — Minhas amigas, a cobra enrolou no muringue²⁹! Se pego o muringue, cobra morde; se mato a cobra, o muringue parte!... Você, Zefa, tem razão: galinha é sua, ovo da barriga dela é seu! Mas Bina também tem razão dela: ovo foi posto no quintal dela, galinha comia milho dela... O melhor perguntamos ainda no sô Zé... Ele é branco!...
 (VIEIRA, 1982, p. 86)

Convocado pela velha *Bebeca*, *Sô Zé*, o branco dono da quitanda, logo tenta conseguir o ovo para ele mesmo, argumentando que o milho que alimentara a galinha fora vendido por ele e ainda não havia sido pago. A partir de então, outros personagens surgem tentando, de acordo com suas posições político-sociais, se aproveitar da situação. Passa por ali o *João Pedro*, que era seminarista, o *Sô Vitalino*, cobrador de aluguéis, o *Sô Artur Lemos*, antigo trabalhador e hoje doente e beberrão. Todos lançando argumentos no intuito de tomar posse do ovo. Por fim, aparece a polícia querendo levar não o ovo, mas a galinha, e trazendo à tona a repressão e violência da polícia no período colonial. Por representar a verdadeira e concreta ameaça, a união entre os povos do musseque se restabelece, tendo como desfecho o voo da galinha *Cabíri* e a entrega do ovo das mãos de *Vavó Bebeca* para *Nga Bina* com o

28 *Maka* – briga; conflito

29 *Muringue* - moringa

consentimento de *Nga Zefa*: “É, sim, vavó! É a gravidez. Essas fomes, eu sei... E depois o mona³⁰ na barriga reclama!” (VIEIRA, 1982, p. 101).

Essa disputa por um ovo representa alegoricamente a fome nos musseques de Luanda, o período difícil em que viviam diante da presença opressora do colonizador. Alguns trechos também retratam a violência da polícia sobre o povo, como no momento em que os soldados chegaram no grupo que discutia: “ninguém deu conta da chegada da patrulha. Só mesmo quando o sargento começou aos cocos nas costas é que tudo calou e começaram ainda arranjar os panos, os lenços na cabeça, coçar os sítios das pancadas.” (VIEIRA, 1982, p.98).

Outro aspecto que chama atenção nesse conto de Luandino é a gravidez apresentada na trama. O final feliz, concretizado pela realização do desejo de uma mulher grávida, metaforizando a promessa de vida nova, um recomeço.

Os três contos resumidamente apresentados contêm temas que podem ser esmiuçados em sala de aula pelo professor de história. O tema da memória compõe a base dos enredos, podendo ser acessada em vários trechos dos contos pelo profissional da história em suas análises. Nos contos de *Luuanda*, as memórias surgem, sobretudo nas lembranças dos tempos de outrora, que foram piorando a medida que aumentavam as mazelas da exploração colonial, caindo com maior peso sobre os negros e mestiços da periferia.

Associada à memória, a oralidade é um dos principais elementos das obras de Luandino Vieira. Conforme observado no início do resumo acima, o escritor utilizou, em todo momento, a forma como se falava nos musseques. Sobre a opção por esse recurso da oralidade, o escritor afirma:

Quando comecei a escrever, segui uma opção política de criar uma linguagem literária que correspondesse à linguagem que o povo utilizava nas suas necessidades de vida, naquele contexto dos anos 40, 50 e 60. Quis recolher da comunicação oral, do

30 Mona - criança

cotidiano dos meus personagens, a expressão linguística de Angola. (VIEIRA, 2010, p. 2)

Outros temas importantes presentes nos contos estão ligados às questões sociais dos habitantes dos musseques, casos da identidade, do racismo e da exploração colonial. A identidade se expressa nas memórias e na oralidade dos sujeitos no cotidiano dos bairros populares. A diversidade nacional não aparece em destaque, até pelo locus das narrativas restrito à periferia da capital angolana. Desse modo, o elemento identitário encontra-se representado pelo idioma kimbundo e pelas experiências de uma coletividade sofrida pela exploração colonial.

O racismo e a exploração colonial aparecem de forma conectada nas situações de conflitos e nos problemas na vida dos moradores apresentados na obra. Como foi exemplificado no resumo acima, as condições de pobreza e fome vividas por Zeca Santos e sua avó no primeiro conto, a violência policial no segundo conto e a resistência verificada pela união entre alguns moradores do musseque contra a repressão, expõem os efeitos da opressão colonial e algumas de suas consequências.

Os contos de *Luuanda* retratam, de forma singular, a busca por alternativas contra a opressão colonial, nas relações estabelecidas, nas diversas ações e nos conflitos envolvendo a população explorada na capital angolana. A força cultural da resistência fica evidente através das marcas da oralidade, das memórias e do cotidiano dos sujeitos dos musseques, protagonistas dos enredos, apontando para um horizonte de esperança por dias melhores.

2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADES EM *NOSSO MUSSEQUE*

O romance *Nosso Musseque*, escrito no pavilhão prisional da PIDE na cadeia de São Paulo em Luanda entre os anos de 1961 e 1962, possui uma estrutura narrativa polifônica onde um narrador principal conta as histórias em primeira pessoa, ao passo que em diversos momentos conduz o foco narrativo para diferentes personagens, os quais trazem suas impressões e pontos de vista. A obra é dividida em três capítulos: *Zeca Bunéu e outros*; *A verdade acerca do Zito*; *Carminzinha e eu*; além de um glossário com expressões e vocábulos em kimbundo. Essas histórias vão sendo contadas a partir dos resultados da investigação do narrador principal a respeito de sua infância no musseque, relatando algumas vivências dos moradores do bairro, mas sempre a partir da perspectiva dos personagens infantis. A narrativa apresenta características de alta fluidez e fragmentação diante de aspectos como: lapsos de memória; falta de uma ordem cronológica linear e pluralidade do foco narrativo que tece o enredo através de diferentes olhares. Desse modo, a obra apresenta algumas lacunas, parecendo estar incompleta em muitos trechos, trabalhando com o tempo em idas e voltas entre o presente e o passado, mas se conectando no final, através das visões de mundo acerca das experiências dos personagens.

Para contar esta história de sua comunidade do musseque, o narrador principal, agindo como um pesquisador, utiliza as seguintes “fontes”, conforme ele mesmo explica no decorrer da trama: suas próprias lembranças e testemunhos; os jornais antigos organizados pela turma do musseque (seu grupo de amigos); os escritos do capitão *Bento Abano*, um antigo marinheiro que incentivou as crianças a escreverem o jornal; os relatos das senhoras e dos meninos, os quais também apresentam suas memórias nas narrações; os fragmentos do caderno de *Xoxombo*, um de seus amigos, salvos do fogo por *Zeca Bunéu* – que sempre ouvia e contava histórias e, por isso, constitui-se como importante fonte para a construção da narrativa. Desse modo, o que mais importa na narrativa são as histórias em si e a competência na narração dos casos, e não uma suposta busca pelo retrato exato dos fatos. Isso já fica nítido no início da trama, quando o narrador prepara-se para contar a história de *Xoxombo*:

Talvez agora com as coisas que os anos e a vida mostraram, vindas de muitas pessoas diferentes, eu possa pôr bem a história do Xoxombo. Se não conseguir, a culpa não é dele nem da confusão que lhe pôs a alcunha. É minha, que meti literatura aí onde tinha vida e substituí calor humano por anedota. Mas vou contar na mesma. (VIEIRA, 2003, p. 7)

Os capítulos do romance estão divididos e sequenciados de acordo com as experiências e fatos mais importantes que afetam a vida dos moradores do bairro, em especial do grupo de amigos que viveu a infância local, formado pelo narrador principal junto com *Zeca Bunéu*, *Zito*, *Xoxombo* e *Biquinho*. Além destes, a jovem *Carminzinha*, se não era integrante desse grupo de amigos, era muito próxima deles e teve participação fundamental na trama. Na medida em que a narrativa transcorre, de modo não-linear, aqueles que eram crianças vão ganhando maturidade nas histórias por eles contadas, até que ao final do romance percebe-se um musseque muito transformado com a falta dos que se foram (mudaram-se ou morreram) e com a percepção mais apurada de suas raízes e do contexto de opressão por parte dos protagonistas.

O primeiro capítulo, *Zeca Bunéu e outros*, apresenta a turminha de crianças do musseque e suas aventuras, como o caso em que *Zeca Bunéu* toma um tiro de um dos vizinhos, o evento da entrega dos brinquedos a partir dos escritos do caderno de *Xoxombo* e a saída de *Biquinho* e sua família do musseque por conta de uma desapropriação. A fluidez do tempo aparece desde os primeiros parágrafos, pois o narrador principal começa com uma cena de uma reunião de alguns integrantes já adultos durante o velório do amigo *Xoxombo*, porém ainda não na atualidade, para então começar as lembranças do passado, partindo da história da morte do próprio *Xoxombo*.

O segundo capítulo, *A verdade acerca do Zito*, conta a história de *Zito*, um dos mais velhos da turma, e como ele se envolveu em várias confusões, iniciando com o contato com uma mulher casada moradora do musseque, e terminando com sua prisão e deportação, por tentar roubar dinheiro da casa do policial, sô *Luís*, pai do *Nanito*, no intuito de ajudar a prostituta *Albertina* a pagar seu aluguel e não ser despejada do musseque.

O terceiro capítulo, *Carmininha e eu*, apresenta o desfecho do romance com a explosão da violência por parte das tropas colonialistas e suas consequências. Em meio à repressão, temos o despertar da consciência anticolonial no sentido de unir a população oprimida contra o regime vigente, representado na figura de Carmininha, uma jovem de dezesseis anos, que se levanta contra a mentalidade conservadora de seu próprio pai, o capitão *Bento Abano*, numa alegoria literária expressando a força dos ventos da mudança, da nova sociedade que se vislumbra a partir da luta pela independência do país.

Os ataques dos soldados colonialistas aos moradores nos musseques, descrito neste último capítulo, são análogos às reações do governo português aos levantes do 4 de fevereiro de 1961, quando os movimentos anticoloniais comandaram um assalto às cadeias de Luanda para libertar os presos políticos, dando início à luta armada pela independência do país.

“— Vão nos matar! Socorro!...

Padre Neves nada que pôde fazer mesmo. As mulheres gritaram com os monas nos braços ou na mão, tropeçando em seus panos soltos, se empurravam para fora, vendo, com olhos de terror, os soldados aos saltos por cima dos bancos da igreja, as pedradas acabavam o resto dos vidros, e então nosso Padre Neves, única pessoa que estava com a calma dele, adiantou na porta onde tinha fugido o sacristão e, sem pressa, fez entrar as mulheres e as crianças, pedindo sempre calma-calma mas, lá fora, aumentavam os gritos, ameaças, as pedradas entravam. E aí, na sacristia, as pessoas começaram falar era a revolta dos musseques, queriam matar os soldados que andavam provocar as pessoas nessa manhã, vinham a bater nas portas e janelas e chamando todas as mulheres e meninas de putas, tinham cuspidos na cara dos velhos, invadido mesmo as cubatas.

Os soldados eram muitos, em grupos de três ou quatro, e adiantaram provocar para procurar confusão. Ainda hoje ninguém que pode saber o começo: sem que ninguém passasse a palavra de musseque em musseque, as pessoas agarraram nos arcos, nos paus, nas catanas, pedras, e vieram nas ruas para defender as mulheres, pelejar com os soldados, morrer se era preciso.” (VIEIRA, 2003, p. 85-86)

Na sequência, em um domingo, os moradores revoltados partiram para cima dos soldados. Acuados, estes se refugiaram em uma igreja em plena missa. No entanto, a fúria dos explorados dos musseques parecia ter sido provocada para uma cilada que levaria a desejada “limpeza”, pois logo chegaram outros soldados e cercaram os angolanos, promovendo uma chacina que não poupou nem os velhos, as mulheres e as crianças.

E nesse grande silêncio que os tiros fizeram chegavam os gritos do povo, largando tudo pelo capim, agarrando os filhos no peito ou nas costas, os berros dos soldados e polícias, a poeira de cubatas e quintais a cair e, a comandar tudo, o tossir seco e repetido das pistolas-metralhadoras batendo as balas nas casas, por cima e por baixo, nos corpos, pelo areal, os corpos pelo areal, uns quietos a olhar o céu, outros torcendo sua dor na areia vermelha com o sangue que se espalhava. (VIEIRA, 2003, p. 86)

Carminzinha presenciou esse fato, pois estava na missa com a mãe, e passou, desde então, a questionar o seu pai, o Capitão Bento Abano. Acusava ela: “Batem-te na tua porta, insultam-te na tua filha e você fica com seu respeito, sua educação, não liga nessas coisas, não é? Fala que o povo só quer é vinho e roubo, mulheres, vestir casaco e gravata, que já não tem homens como antigamente...” (VIEIRA, 2003, p. 88). Em resposta a essa imobilidade do pai, a inconformada *Carminzinha* não aceita as acusações, feitas pelo pai, de aculturação dos angolanos pelos portugueses e rebate: “Isso tudo já morreu, Senhor Capitão! Está morto, não serve para nada papá!... Agora não é hora de esperar que o Zeca vai-se instruir, que eu vou m’instruir, todos são educados e vamos fundar nossa associação literária!” (VIEIRA, 2003, p. 89).

Por fim, quem acaba morrendo na obra é o próprio Senhor Capitão Bento Abano. O mestre, experiente por anos de navegação, sábio pelo estudo e ativo na escrita em jornais, representava a busca pela tradição. Acabam ficando, porém, ensinamentos que serão importantes. Junto com a revolta de *Carminzinha*, amadurece a consciência identitária a partir das vozes exploradas que, negras, mas também brancas e mestiças, habitantes do mesmo solo, foram sempre condenadas à não-identidade. Identidade essa que passa a compreender a tradição, mas não busca reproduzi-la, já que os tempos são outros e as demandas também. Prova dessa compreensão é que o olhar do *Capitão* sobrevive no olhar de *Carminzinha*. “Dizia o Zeca Bunéu que, sem esse olhar, *Carminzinha* não existia.” (VIEIRA, 2003, p. 93).

Em *Nosso Musseque*, alguns temas fundamentais na construção do enredo podem ser objeto de exame nas aulas de história, auxiliando os estudantes nas reflexões e discussões para a apreensão de conhecimentos através da literatura. O autor explora as

seguintes temáticas no decorrer da trama: memória; oralidade; racismo; exploração colonial; identidade e resistência.

As memórias permeiam toda a narrativa, tecendo o retrato sociorracial de um musseque que sofre com os impactos da violência colonial, das discriminações, dos processos de desapropriação de moradores pobres, num ambiente que expõe a necessidade de união entre os sujeitos explorados. Todo o enredo é baseado nas memórias dos tempos de infância no musseque, seja do narrador principal, seja de seus amigos que também fazem relatos, bem como das lembranças dos moradores mais velhos do bairro. Neste romance, o professor de história tem a possibilidade de utilizar a memória em diversas passagens, trabalhando até mesmo a ideia de fonte histórica, visto que o narrador principal se utiliza das memórias faladas (lembranças suas e dos amigos) e escritas (caderno do amigo *Xoxombo* e o jornal escrito pela turma de amigos com o apoio do *capitão Bento Abano*) para organizar todo o seu relato. No módulo VIII do site, o trecho destacado exemplifica a possibilidade de utilização da obra nas aulas de história apresentando a memória como fonte, através do trecho abaixo, onde o narrador principal explica como conseguiu sua “fonte” para contar uma das histórias do romance.

Mais ou menos assim é a lembrança daquele caderno do Xoxombo e, nalgumas folhas, na sua letra redonda, ele tinha escrito conversas e confusões lá do musseque. Mas não continuou contar as histórias; adiantou fazer desenhos de asneiras e um dia sá Domingas encontrou, deu-lhe com o pau de funji, rasgou e queimou o caderno. Só que o Zeca, com seu espírito curioso, estava espreitar a surra no Xoxombo, foi ainda apagar o fogareiro e salvou uns bocados. Alguns deitei fora, só tinha desenhos de malandro; o resto eu guardei porque o Xoxombo escrevia coisas que ele pensava e que, sempre que eu leio, fico também a pensar. (VIEIRA, 2003, p. 22)

Associada à memória, a oralidade é um dos principais elementos da trama. Conforme demonstrado anteriormente, o escritor subverteu a língua portuguesa utilizando diversas expressões a palavras em idioma kimbundo e escrevendo as sentenças majoritariamente da forma como o povo falava, alterando as conexões sintáticas nas frases e enriquecendo ainda mais o enredo com a força da cultura local em sua pluralidade. Sobre essa escolha literária, Luandino afirmou que

Não era um ato inocentemente literário, claro, era também uma escolha política para mostrar que, mesmo na língua do colonizador, era possível escrever de maneira que deixasse o colonizador incomodado. Era uma forma de provar que havia uma diferença cultural na língua, algo que, a nosso ver, já justificava por si só a autonomia e a emancipação política do país. Se mesmo na língua que nos era imposta já tínhamos atingido um certo nível de diferenciação, então era necessário um reconhecimento oficial dessa diferença. (VIEIRA, 2010, p. 2)

Nesse sentido, as marcas da oralidade podem ser utilizadas pelo professor de história em diversas passagens do romance evidenciando como a língua falada foi amplamente utilizada pelo autor. Outra possibilidade se refere ao contato interdisciplinar com o colega professor de língua portuguesa, que paralelamente pode desenvolver análises sintáticas e/ou gramaticais do texto literário de modo articulado ao conhecimento explorado nas aulas de história. O trecho a seguir, uma conversa entre crianças antes de irem a uma distribuição de brinquedos, exemplifica essa escrita do Luandino lançando mão das palavras em kimbundo.

— Ai, Zeca! Este ano vamos só receber nossas xatetes³¹ de corda, não é?
 — Vão ter mas é tuji³²! — gozava o Zito, triste desde o princípio da conversa.
 Discutiam se Menino Jesus é o mesmo que Papai Noel, cada um defendendo sua sabedoria, no meio dos sorrisos um pouco tristes do Xoxombo:
 — Makutu!³³ Meu pai diz é os pais dos meninos que põem os brinquedos!...
 O Zito concordou, sabia muito bem, o pai dele também estava dizer a mesma coisa. O Zeca Bunéu ainda quis, com as partes dele, defender o Menino Jesus, mas Xoxombo aconselhou:
 — Zeca, deixa só! Se você encontra lá no sapato, te juro é o teu pai que põe lá. Como é o Papai Noel podia carregar os brinquedos para todos os miúdos? (VIEIRA, 2003, 24-25)

Outra temática das mais relevantes no enredo, a questão racial se apresenta no romance através do modo como a cor da pele é levada em conta em diversas situações vividas pelos personagens. Observando as relações entre os moradores do musseque, o professor pode trabalhar os aspectos raciais de diversas formas. Uma possibilidade é estimular o debate a respeito do racismo enquanto um dos alicerces da violência colonial, e a partir de então provocar os alunos no sentido de se atentarem para os impactos da cor da pele dos protagonistas do romance, conforme os exemplos dos trechos expostos nos parágrafos seguintes.

31 Caminhão de brinquedo.

32 Merda.

33 Mentira!

Em alguns momentos da trama fica notória a inocência das crianças, que não compreendem a razão de ser desta diferença entre negros e brancos, mas à medida que vão crescendo, passam a observar a natureza dos tratamentos desiguais e associá-los também às questões sociais. O trecho seguinte mostra um princípio deste despertar, quando após uma distribuição de brinquedos frustrada onde as crianças do musseque foram mal tratadas e não receberam os brinquedos que queriam, *Xoxombo* escreveu em seu caderno uma reflexão onde não entende porque seu amigo *Zeca*, pobre como ele, mesmo sendo branco, não ter recebido o brinquedo que queria: “Eu e o *Zeca* fomos nos brinquedos. Nos meninos brancos deram camioneta de corda e a mim não porque sou muito preto. Mas no *Zeca* também não deram e ele é branco. O filho de sô Laureano da Câmara recebeu. Não percebo” (VIEIRA, 2003, p. 29).

Fica bem definida a divisão do ponto de vista racial, com os mulatos e negros representados pelas famílias dos meninos *Zito*, *Xoxombo* e *Biquinho*, e os brancos pelas famílias dos meninos *Zeca*, *Nanito* e *Antoninho*. Os dois últimos não faziam parte da turma de amigos do musseque, até por serem brancos com uma melhor condição econômica (filhos de um policial e do dono da quitanda, respectivamente). O próprio narrador em certo momento também se coloca nesse emaranhado sociorracial ao se lembrar de sua falecida mãe quando se refere à proibição que lhe é imposta pela madrasta de ter com seus amigos para ouvir as histórias e adivinhas de *Dona Ana*.

Na janela do meu quarto eu assistia triste, todos a sentar à volta de don’Ana, sá Domingas abanando o calor. Minha madrasta não deixava eu ir, dizia que essas conversas de cazumbis é história de negros e, quando ela falava assim, eu lembrava a minha falecida mãe, ficava a chorar e espreitava bem com os ouvidos para apanhar o que don’Ana contava e o silêncio amigo me trazia. (VIEIRA, 2003, p. 23)

O narrador, no caso, se trata de um menino mestiço filho de pai branco e mãe negra, mas que está sendo criado pela madrasta, também branca. Ele próprio, o narrador, está entre os dois mundos, o da tradição local ouvindo as histórias debaixo da mulemba (árvore frondosa, símbolo da realeza angolana), e o da cultura do colonizador português sendo obrigado pela madrasta a não se misturar com os negros.

Xoxombo, o menino de pele mais escura, conta em seu diário sobre a escola e revela que somente lá diz o seu nome todo, que parece ser o seu nome “português”, mas que não aparece no livro, e se queixa do tratamento recebido pela professora:

“O meu nome é Xoxombo. Só na escola é que eu digo o meu nome todo, quando a professora pergunta. E digo também que nasci da minha mãe, senhora Domingas João, negra, a sô pessorora diz que isso não precisa dizer, e do meu pai, senhor capitão Bento de Jesus Abano, mulato, a sô pessorora também quer que eu diga misto, mas é como eu gosto dizer. Nasci na Ingombota, ando na terceira e tenho nove anos. A sô pessorora é boa mas eu não gosto dela. Quando os meninos começam-me fazer pouco chamando Xoxombo-macaco e outras coisas, ela aparece sempre mas eu não gosto. Diz eu sou coitadinho não tenho culpa de ser assim escuro e que a minha alma é igual” (VIEIRA, 2003, p. 22)

A partir das experiências de vida dos populares, o autor trabalhou as questões de identidade e contestação ao poder colonial, apresentando amplas possibilidades para que o professor de história suscite reflexões e debates com seus educandos, principalmente em articulação com a compreensão a respeito do processo de colonização e seus efeitos no continente africano, especificamente no caso de Angola.

A chegada da família do português Sô Luís no musseque representou o início das reações populares marcadas pela identidade contrária aos colonialistas. Ele, uma autoridade policial, já nos primeiros dias, fechou para si um quintal de árvores frutíferas que era aberto. Sempre que havia necessidade, a comunidade do musseque retirava de lá alguns alimentos. O espaço ainda era de suma importância para as crianças, que por lá brincavam livremente. Essa noção da terra como um bem comum foi violada pelo branco que privatizou a área. A reação dos moradores acabou vindo com ofensas raciais. “Ngueta camuelo³⁴. Esses brancos são assim. Olha só! Chegou dois dias e pronto! Começa já a dizer aquilo é dele.” (VIEIRA, 2003, p. 17). Outro episódio semelhante ocorre quando algumas famílias foram desapropriadas de suas casas, já que, com o crescimento de Luanda, os donos das habitações almejavam outras aplicações para esses terrenos. Ainda antes do despejo das famílias, quando não havia dinheiro para o pagamento do aluguel, o cobrador simplesmente adentrava as moradias e tomava alguns pertences de valor. A reação a essas explorações sofridas leva os moradores do musseque a algumas atitudes de resistência, como a

34 Expressão depreciativa que significa “branco ordinário”

agressão das mulheres a um tratorista que derrubava as cubatas e do menino *Zito* ao cobrador *Aníbal*.

A consciência de união coletiva contra um inimigo comum começa a levantar-se pela oposição aos sujeitos vistos como opressores, uma vez que os antigos moradores do musseque enxergavam-se explorados por aqueles que exerciam o poder, apresentando elementos importantes para os estudantes compreenderem os efeitos de um processo de colonização a partir de uma construção literária.

Nosso Musseque apresenta uma literatura pautada no protagonismo dos moradores da periferia de Luanda, que agiram como sujeitos de um processo histórico e reagiram diante da exploração colonial, apontando para a esperança da coletividade no sentido de fortalecer uma identidade nacional em contraposição aos colonialistas, apresentando desse modo as marcas do projeto político do MPLA. Esses sujeitos contaram suas próprias histórias, baseados nas memórias e nos relatos de seus conterrâneos.

3. O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NO BRASIL

De acordo com as análises realizadas, as obras literárias que formam o objeto dessa pesquisa podem ser utilizadas como material didático para o ensino de história da África, cabendo ao professor da disciplina o papel de mediador do processo de aprendizagem através desta forma de representação da história.

Com efeito, a ampliação da noção de materiais didáticos aplicada ao ensino de história contribui muito para o desenvolvimento desse campo pedagógico. Músicas, cinema, literatura, artes em geral, produzidas nos países do continente africano, são alguns dos exemplos das áreas de produção cultural que permitem ao professor de história dinamizar, diversificar e qualificar o ensino da disciplina, tendo em vista o desenvolvimento da aplicação de temas ligados ao continente africano em nossa educação básica.

Nesse sentido, uma das grandes conquistas da luta antirracista no Brasil reside na promulgação da Lei 10.639/03, a qual estabelece que, a partir de então, passa a ser obrigatória a inclusão do estudo da História da África e dos Africanos nos estabelecimentos de ensino fundamental ou médio, sejam estes privados ou públicos, bem como o ensino da Cultura Afro-Brasileira.

A publicação da lei 10639/2003 ajudou muito no fomento a pesquisas consistentes e na criação de cursos de naturezas diversas – extensão, graduação, pós-graduação – sobre temas relacionados ao continente africano. Para além do ambiente acadêmico, o combate ao racismo não pode abrir mão da circulação de produções qualificadas sobre África nas escolas do ensino básico. O documento “Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais”, produzido pelo governo federal em 2006, destaca:

A abordagem das questões étnico-raciais na Educação Básica depende muito da formação inicial de profissionais da educação. Eles ainda precisam avançar para além dos discursos, ou seja, se por um lado, as pesquisas acadêmicas em torno da questão racial e educação são necessárias, por outro lado precisam chegar à escola e sala de aula, alterando antes os espaços de formação docente (BRASIL, 2006, p. 128).

No que concerne aos materiais didáticos, a presença da história da África, sobretudo nos livros escolares, ainda carece de uma maior e melhor produção, em que pese o salto proporcionado por medidas de ordem legal, tais como a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em 1998 e da lei 10639/2003, trazendo sugestões e obrigatoriedades fundamentais para a ampliação da necessidade de estudos a respeito do continente africano. Anderson Oliva, em sua tese, aborda o impacto desses marcos legais, conforme o trecho abaixo:

... a presença dos estudos africanos nos Currículos e nos livros escolares brasileiros, até meados dos anos 1990, pode ser considerada insignificante. O continente aparecia sempre retratado de forma secundária, associado ao périplo marítimo dos séculos XV e XVI, ao tráfico de escravos, e aos processos históricos do Imperialismo, Colonialismo e das Independências na África. Porém, esse quadro passou a sofrer uma evidente modificação a partir da publicação dos PCNs da área de História, em 1998. Em um claro reflexo dessas mudanças podemos encontrar, a partir de 1999, livros didáticos de História, utilizados entre a 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental, que incluíam em seus volumes pelo menos um (1) capítulo sobre a história africana, quase sempre vinculada ao período que se estende do século XVI ao XVII. Antes de 1999 nossa pesquisa não localizou nenhuma coleção de livros didáticos com essa característica.

Talvez, como um potencializador desse processo – apesar de seus efeitos estarem ainda sob avaliação e os resultados obtidos precisarem de uma mensuração mais detalhada –, em janeiro de 2003, foi promulgada a Lei nº 10639, que, alterando o texto da LDB, tornou obrigatório o ensino da história africana nas escolas brasileiras (os PCNs apenas sugeriam os conteúdos). Seguiu-se a essa lei, já em 2004, a formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Todos esses documentos sinalizavam para a importância ou para a obrigatoriedade da introdução do estudo da história africana nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Ensino Médio. (OLIVA, 2007, p. 199)

Para além do livro didático, diversos outros materiais em diferentes formatos podem ser utilizados como ferramentas de auxílio pedagógico. Catálogos, filmes, fotografias e jogos são apenas alguns dos exemplos passíveis de aplicação pedagógica por parte do professor. No tocante ao objetivo dessa pesquisa, a proposta é proporcionar aos professores de história e seus alunos do ensino médio formas de se trabalhar utilizando livros de literatura como materiais didáticos, conforme explicado anteriormente. Desse modo, o ensino da disciplina história não deve ficar refém de apenas um tipo de fonte de leitura para os discentes, visto que tanto o livro didático como outros tipos de materiais devem funcionar como apoio pedagógico ao docente, que deve selecionar o(s) material(is) mais adequado(s) ao conteúdo

ministrado e suas abordagens, bem como mediar o contato de seus alunos com tal(is) recurso(s) didático(s) de modo articulado aos objetivos de aprendizagem traçados.

Ademais, a ampliação da noção de material didático, nos diversos suportes e formatos, deve estar pautada no caráter inclusivo das relações étnico-raciais na educação básica, que passa por observar de modo qualificado o ensino da cultura africana e afro-brasileira no sentido de estimular a produção de materiais inscritos nessas temáticas. Desse modo, o produto final indicado nessa dissertação, disposto na forma de um site, trata-se de um material didático interativo e de fácil acesso aos professores de história do ensino médio que tenham a pretensão em utilizar alguma(s) da(s) referida(s) obra(s) literária(s) em seu programa curricular, e a partir dessa ferramenta possam estimular os educandos a ampliarem seus conhecimentos a respeito da história através de uma literatura, bem como pensar diversas estratégias pedagógicas para além das sugestões e informações apresentadas no site, superando os eventuais limites deste recurso didático. Sobre os materiais didáticos e sua diversidade de opções, Circe Bittencourt observa que

A escolha dos materiais depende, portanto, de nossas concepções sobre o conhecimento, de como o aluno vai aprendê-lo e do tipo de formação que lhe estamos oferecendo. O método para utilização dos diversos materiais didáticos decorre de tais concepções e não pode ser confundido com o simples domínio de determinadas técnicas para a obtenção de resultados satisfatórios. (BITTENCOURT, 2008, p. 299)

Conforme observado na introdução, o nono módulo do site será dedicado ao ensino de História da África no Brasil. Pautada na legislação educacional que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira em toda a rede de ensino do país, esta seção trata do ensino de história da África no Brasil a partir das problematizações dispostas nos seguintes pontos de reflexão: por que estudar o continente africano; (des)construindo conhecimentos a respeito de África; e a ausência dos estudos sobre África no ensino de história no Brasil.

Este módulo possui como objetivo principal apresentar informações e discussões a respeito do continente africano de modo a combater as visões estereotipadas, reducionistas e preconceituosas construídas ao longo do tempo em nosso país.

No primeiro aspecto analisado (por que estudar o continente africano) faço questão de deixar evidente que não se trata de um questionamento e sim uma afirmação no sentido de expor alguns dos motivos pelos quais devemos nos debruçar sobre África, tendo em vista não haver dúvidas sobre a importância desse continente em nossa cultura e história.

No início do texto observo que conhecer sobre o continente africano significa conectar-se com algumas das raízes fundamentais de nosso processo histórico de formação social. Além da importância e repercussão globais de inúmeros legados culturais deixados por povos oriundos da África desde o surgimento da humanidade, segundo os primeiros registros, no caso específico do Brasil, milhões de seres humanos escravizados desembarcaram na costa do país, no maior e mais intenso processo de migração forçada já realizado em todo o planeta. No que concerne a Angola, trata-se do país que mais forneceu trabalhadores escravizados para o Brasil durante o tráfico internacional ocorrido nos séculos XVII e XVIII.

Conforme exposto na introdução desse texto, faço menções aos aspectos de cunho diplomático e literário, no que concerne às relações entre Brasil e Angola, citando o reconhecimento brasileiro da independência do país africano, e as influências da literatura brasileira sobre as obras de Pepetela e Luandino Vieira.

Seguindo a reflexão a respeito do legado dos povos vindos da África em nossa sociedade, destaco que facilmente percebemos à nossa volta os diversos aspectos culturais trazidos por grupos humanos vindos desse continente. Na culinária, no idioma, nas artes em geral, são alguns dos campos altamente influenciados por culturas de origem afro.

Outra motivação para conhecer o continente africano se refere ao combate às visões preconceituosas e estereotipadas sobre essa região, alimentadas por anos de uma África negligenciada em nossa educação escolar. Partindo disso, é importante, por exemplo, entrarmos em contato com as diversas formas (coletivas e individuais) de resistência praticada pelos escravizados, as quais foram por muito tempo solenemente esquecidas, por

políticas educacionais fundadas no eurocentrismo e na discriminação aos povos considerados “não civilizados”.

Antes de 2003 – ano da promulgação da primeira lei obrigando a inserção do estudo de temas em torno das culturas africana e afro-brasileira em nossas escolas, o currículo da educação básica brasileira raramente fazia menção às ressignificações que os escravizados deram aqui no Brasil às suas religiões, línguas, danças e rituais. Até então, as aulas e materiais didáticos da disciplina história destacavam quase que exclusivamente a ação das metrópoles, abordando de modo eufemista o violento processo de exploração colonial, centrando-se em grande medida no protagonismo dos países ibéricos e fazendo eco a um discurso eurocêntrico que praticamente advogava a concepção da colonização como parte de um processo de evolução civilizatória.

No caso deste material didático, o objeto de análise baseado em produções de caráter anticolonial, elaboradas por angolanos e protagonizadas por sujeitos da população local, pode proporcionar ao professor de história o desenvolvimento de estudos a respeito de um país africano, utilizando uma forma de representação (literária) da realidade sobre a qual não se costuma dar muita atenção na educação básica. Em geral, quando utilizadas, as literaturas estrangeiras trabalhadas pelos nossos professores no ensino médio, majoritariamente na disciplina de Língua Portuguesa, são oriundas de países europeus ou dos EUA.

Procuró destacar que as linhas escritas acima não possuem a pretensão de esgotar as reflexões a respeito das contribuições culturais de origens africanas em nossa sociedade, dado o caráter incomensurável desse tipo de levantamento. Nesse sentido, diminuir a distância entre a África e o Brasil representa um desafio permanente e um combate aos efeitos do processo histórico excludente de nossa educação escolar, que felizmente, após as pressões e mobilizações dos movimentos sociais de luta contra a discriminação racial, começou a se modificar e passou a favorecer a produção e circulação de materiais a respeito do continente africano e da cultura afro-brasileira nas diversas áreas de conhecimento.

Na sequência, discorro brevemente sobre a (des)construção de conhecimentos a respeito do continente africano, no sentido de combater fundamentalmente as ideias distorcidas e preconceituosas que fomentaram a construção de imagens reducionistas do continente africano, donde a escola, que deve representar uma resistência cultural a esse tipo de informação, infelizmente contribuiu por muito tempo para sedimentar tais visões estereotipadas.

Atualmente, após as leis 10639/2003 e 11645/2008, vivemos um contexto com amplas possibilidades de leituras e abordagens sobre a África, sendo de fundamental importância os profissionais da educação básica, sobretudo na área de história (nosso campo disciplinar), atuarem no sentido de desconstruir as ideias equivocadas e promover o acesso a estudos sérios e consistentes acerca do continente africano em toda a sua pluralidade.

A princípio acho importante mencionar a existência de cidadãos que ainda confundem a África com um país, em que pesem as melhorias que tivemos no acesso às informações a respeito do continente nos últimos anos. Equívocos grosseiros desse nível se devem a um longo processo histórico de um modelo de ensino eurocentrado que sempre relegou à África uma posição secundária nos estudos de nossos jovens.

É importante enfatizar o fato de ser impossível falarmos em África sem mencionar seu aspecto multicultural. Tentar homogeneizar a percepção do continente africano é tão incorreto quanto enxergar a Europa ou a Ásia como uma massa uniforme sem considerar suas diferentes nacionalidades e níveis de desenvolvimento, além dos peculiares aspectos históricos de cada região e país. Toda a diversidade de um continente acaba sendo desvalorizada em função das generalizações apontadas.

No caso desse site, houve todo um cuidado em sua elaboração no sentido de não fazer qualquer alusão a Angola representando a África como um todo, ou vice-versa. Pode-se observar, nas resenhas e nos textos analíticos, como Angola é referenciada em sua singularidade, em seus aspectos culturais próprios, na formação nacional múltipla e diversificada de sua população, destacando inclusive os momentos em que os autores das

obras analisadas possam ter feito algum tipo de generalização, como no que concerne ao trato com as identidades nacionais, articulada com o projeto de nação do MPLA.

O estudo de um recorte da história de um país africano através de obras literárias produzidas por escritores de sua nacionalidade pode significar uma salutar aproximação dos estudantes com aspectos culturais específicos provenientes desse continente complexo. Nesse sentido, a abordagem do professor de história é um ponto chave para combater os estereótipos e preconceitos teóricos e estimular seus educandos a apreenderem conhecimentos sobre a África e suas peculiaridades através do contato direto com produções genuinamente africanas, sem perder de vista a singularidade da nação em questão.

O último ponto de análise trata da ausência dos estudos sobre África no ensino de história no Brasil, no qual apresento uma reflexão a esse respeito. Em que pesem as melhorias representadas pela legislação voltada para a aplicação dos estudos sobre África em nosso currículo escolar, ainda sofremos com a ausência desse rico continente no ensino da disciplina história.

Parte desse problema tem origem na formação de nossos professores, em cursos de licenciatura deficitários nesse campo de conhecimento, seja por terem demorado demais a implementar componentes curriculares com essa temática em suas grades, seja por ainda possuírem estruturas curriculares basicamente eurocentradas. Na minha graduação, por exemplo, tive acesso a apenas uma disciplina de História da África, de caráter optativa, em toda a grade do curso de História na UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), em meados dos anos 2000, antes de uma reforma curricular. Como se apenas uma disciplina pudesse dar conta de toda a história de um continente demasiado complexo e culturalmente diversificado.

De acordo com Anderson Oliva em seu artigo *A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática*, publicado em 2003, até aquele momento, os importantes avanços no tipo de ensino de história nas universidades,

fugindo do modelo positivista, ainda não contemplavam uma significativa ampliação de estudos no abarcando efetivamente a História da África.

Enfim, o momento é propício ao debate da questão, já que o atual governo, na época com poucos dias de existência, sancionou uma lei tornando obrigatório o ensino da História dos afro-brasileiros e da África em escolas do Ensino Fundamental e Médio. Medida justa e tardia, e ao mesmo tempo difícil de ser implementada. Isso por um motivo prático: muitos professores formados ou em formação, com algumas exceções, nunca tiveram, em suas graduações, contato com disciplinas específicas sobre a História da África. Soma-se a esse relevante fator a constatação de que a grande maioria dos livros didáticos de História utilizada nesses níveis de ensino não reserva para a África espaço adequado, pouco atentando para a produção historiográfica sobre o Continente. Os alunos passam assim, a construir apenas estereótipos sobre a África e suas populações. Portanto, seria justo perguntar: como a História da África é ensinada em nossas escolas? (OLIVA, 2003, p. 428-429)

Anos mais tarde, Anderson Oliva avaliou que houve melhoras na produção voltada para África, porém ainda havia muito o que avançar. Em artigo de 2009, extraído de sua tese de doutorado, o pesquisador fez a seguinte análise:

Como observador atento e interessado nas experiências e projetos de abordagem da história africana em nossas escolas, estou me convencendo que vivemos tempos promissores acerca da questão. As atividades interdisciplinares, os encontros e colóquios, as publicações e os cursos de formação/qualificação se multiplicam. Sendo menos otimista, digamos que esta seja uma onda em perspectiva, talvez uma tendência. Caso ela se consolide e encontre nas universidades a confirmação de outra tendência – o aumento da produção e da formação de pessoal especializado nas temáticas africanas – os próximos anos encontrarão um cenário positivo para tratamento do tema. (OLIVA, 2009, p. 214)

Hoje temos um cenário com maiores possibilidades de pesquisa acadêmica no campo da História da África, e mais livros didáticos incorporando os estudos a respeito do continente africano dedicando maior espaço de atenção a essa temática. Porém ainda temos muito a avançar em direção a um ensino de história que dê conta da África com a visibilidade que ela deve ser aplicada.

Nesse sentido, torna-se ainda mais importante a elaboração de qualificados materiais didáticos de história voltados para os ensinamentos fundamental e médio, tendo em vista que podem concorrer para o melhor funcionamento de uma espécie de engrenagem conforme os seguintes aspectos: permitir aos alunos o contato com qualificados estudos a respeito do

continente africano; estimular professores da educação básica a continuarem suas formações e desenvolverem pesquisas sobre temas em torno de África nas universidades; ampliar em quantidade e qualidade a oferta de materiais didáticos que contemplem a História da África; aumentar a demanda de interessados em utilizar os referidos materiais em suas aulas.

Como podemos observar, nossa postura como profissionais da História dedicados ao ensino de temas ligados ao continente africano tem valor primordial no combate às generalizações e estereótipos, na educação antirracista e na presença permanente da África no ensino de história para nossos jovens da escola básica. A mudança de perspectiva na educação escolar de modo a amparar os estudos acerca da História da África e dos Africanos (conforme o texto legal) é condição elementar para conseguirmos formar estudantes livres de visões preconceituosas, e conseqüentemente sedimentarmos o caminho para a construção de uma sociedade livre da injustiça racial.

Nas abordagens dos materiais didáticos propostos e nas práticas de ensino, superar as ideias preconceituosas e generalizadoras como as que tratam a África como uma região uniformemente marcada por violência e doenças desconsiderando sua pluralidade e singularidades histórico-culturais, é um desafio permanente para os profissionais da educação engajados com a luta antirracista.

Conforme descrito, o objetivo principal do site consiste em proporcionar aos professores de história e seus estudantes do ensino médio uma ferramenta interativa que auxilie na utilização de uma forma de representação (literária) para as diversas possibilidades de reflexão e apreensão de conhecimentos históricos no que concerne ao contexto da luta de libertação em Angola, contribuindo para os estudos da história da África e dos africanos³⁵, em atendimento a nossa legislação educacional e vinculado aos objetivos do Programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UFRB.

35 Trecho do §1º do artigo 1º da lei 11645/2008.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As injustiças sociorraciais, as diversas e abjetas marcas do passado escravagista, bem como os violentos processos de colonização e suas nefastas consequências histórico-sociais tanto em África como no Brasil são alguns dos desafios que os professores de história engajados na educação antirracista devem encarar de frente, no sentido de combater as visões distorcidas e promover o conhecimento do continente africano em sua pluralidade e na diversidade de seus aspectos históricos e culturais.

Diante desse quadro, a elaboração do site “História e Literatura: Angola e a luta anticolonial” busca atender aos preceitos das leis 10639/2003 e 11645/2008, estimulando o contato de professores e estudantes de nosso ensino médio com literaturas produzidas num país africano, tratando de um processo histórico onde fica evidente o protagonismo das populações locais em resistência contra a opressão dos europeus.

Como foi detalhado nesse texto dissertativo, a interdisciplinaridade é um aspecto fundamental na proposta do material didático em questão. História e literatura se encontram na construção do conhecimento sobre a história angolana, e permitem o diálogo com outras áreas, como a geografia, numa perspectiva sistêmica de compreensão dos processos históricos.

As obras literárias como materiais didáticos no ensino de história suscitam importantes reflexões e debates a respeito da ampliação e dinamização das possibilidades pedagógicas da disciplina história, no que pretende colaborar com a atuação de nossos professores de ensino médio, sem qualquer intenção de enquadrar o profissional da educação em esquemas rígidos, mas valorizando sua iniciativa e criatividade com a apresentação de sugestões de materiais, abordagens e atividades em sala de aula.

A estrutura do site, com suas ferramentas de interação e suas possibilidades de trabalho pedagógico, podem auxiliar o professor de história na montagem de cursos e/ou de trabalhos de curta, média ou longa duração com seus discentes, de modo que ele poderá:

acessar cada um dos módulos a partir dos links na página inicial; conhecer a proposta do site, seu direcionamento e funcionamento através do link “Sobre” no menu superior; apresentar sugestões, críticas ou comentários (no e-mail indicado no canto inferior das páginas do site); baixar todo o material disponível nos módulos em arquivos .pdf conforme as instruções indicadas no site.

A gênese desse material didático ocorreu mediante um longo percurso de amadurecimento, passando por etapas que articularam leituras de aprofundamento teórico das diversas possibilidades temáticas com o conhecimento de uma literatura angolana e suas relações com as lutas pela independência ocorridas em solo angolano.

O processo de desenvolvimento teórico-metodológico desse trabalho de pesquisa e seu resultado prático concretizado na forma de um site esteve a todo momento conectado com a legislação educacional que obriga as escolas a inserirem a educação da cultura africana e afro-brasileira em suas propostas de ensino. Nesse sentido, esse trabalho tem como alguns de seus principais objetivos: a ampliação qualificada dos estudos a respeito da riqueza cultural e histórica da África; e o estímulo para que professores da educação básica possam trabalhar com temáticas ligadas ao continente africano.

5. ANEXOS

5.1 MAPAS

Mapa 1 - Mapa político do continente africano na atualidade



Fonte: <https://espanol.mapsofworld.com/continentes/afrika/el-mapa-de-afrika.html>. Acesso em 12 dez. 2019.

Mapa 3 - Mapa atual de Angola



Fonte: <https://espanol.mapsofworld.com/continentes/afrika/mapa-de-angola/>. Acesso em 10 dez. 2019.

Mapa 4 - Províncias de Angola



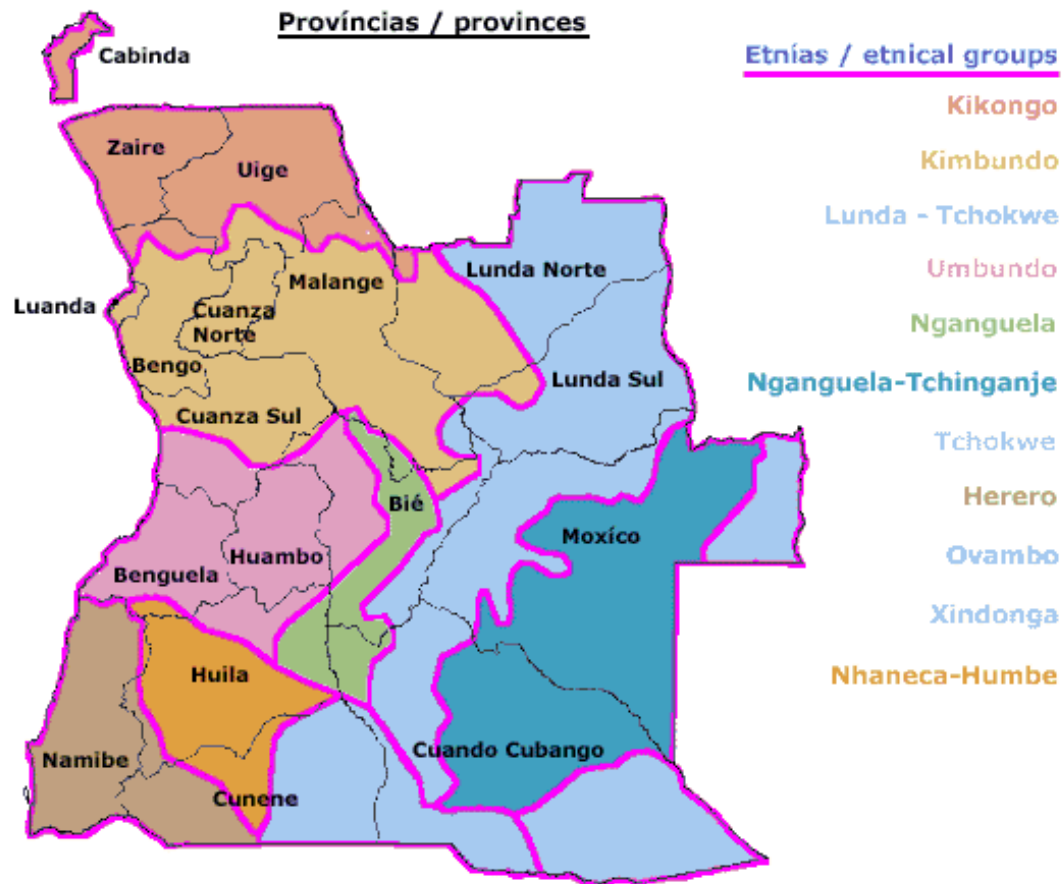
Fonte: https://info-angola.ao/index.php?option=com_content&view=article&id=4868:divisao-politico-administrativa-de-angola&catid=640&Itemid=1754. Acesso em 11 dez. 2019.

Mapa 5 - Províncias angolanas, suas capitais e principais cidades.



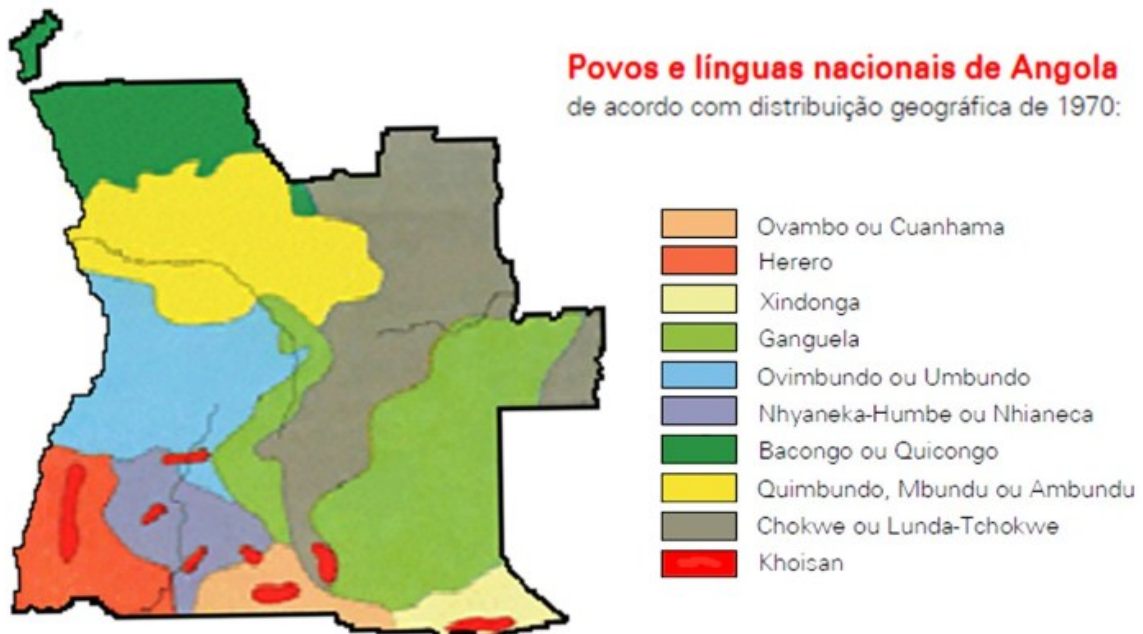
Fonte: <https://pt.mapsofworld.com/angola/>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 6 - povos angolanos distribuídos pelas províncias do país



Fonte: <https://lingalog.net/cours/jpc/palops/cinco/angola?id=cours/jpc/palops/cinco/angola>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 7 - Nações e idiomas no território angolano antes da independência



Fonte: <http://palavraearte.co.ao/proposta-de-mapeamento-linguistico-em-angola/>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 8 - Província de Benguela.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/286260120044065098/>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 9 - Cidade de Benguela.



Fonte: <http://aurelioschmitt.blogspot.com/2011/07/municipio-de-benguela-angola.html>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 10 - Província de Huíla.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/802696333554225209/?send=true>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 11 - Cidade de Lubango.



Fonte: <http://mapsof.net/angola/angola-lubango>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 12 - Arquipélago de Cabo Verde, no continente africano.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/726627721107850442/>. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 13 - Ilhas que compõem a República de Cabo Verde



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-Mapa-do-arquipelago-de-Cabo-Verde-Fonte-http-wwwhidroex-mgovbr_fig2_256599096. Acesso em 23 abr. 2020.

Mapa 14 - Vila do Tarrafal, situada na Ilha de Santiago, Cabo Verde.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_Santiago#/media/Ficheiro:Bela-vista-net-Santiago-map.jpg. Acesso em 23 abr. 2020.

5.2 GLOSSÁRIO³⁶

VOCÁBULOS

Aduelas: tábuas de barril usadas para formar cercas delimitando o quintal.

Aiuê: exclamação de dor, lamento ou embevecimento.

Aka: interjeição de surpresa.

Aldrabar: enganar; mentir; passar conto do vigário.

Arrear: bater.

Auá!: interjeição de estranheza, que equivale aproximadamente a “puxa!”.

Azeite-palma: azeite-de-dendê.

Baixa: parte baixa da cidade de Luanda; centro comercial.

Balaio: Cesto largo e baixo.

Banzado: espantado, pasmado, surpreso.

Barcos de luando: barquinhos feitos com pedaços da esteira denominada luando (essa esteira é tecida com folhas de palmeira).

Bassula: Golpe de luta.

Batota: trapaça.

Berrida: Corrida motivada por berro.

Bessangana: Mulher de respeito (por ser mulher que usa panos e não saia). (Vem da expressão com que se saudava: Besá, ngana!, i. é.: A sua bênção, Senhora!)

Bitacaia: espécie de pulga que penetra na pele.

Brututo: Raiz de um arbusto do mesmo nome, medicinal.

Bufo: informante, alcagüete.

Bungular: Saracotear as nádegas.

Cabíri: Animal miúdo, de raça degenerada.

Cabobo: sem dentes, desdentado.

Cacimbo: período de tempo que corresponde à época seca do ano; bruma, névoa, orvalho.

Cacimbado: molhado, enevoado pelas lágrimas.

³⁶ Glossário de palavras e expressões em idioma kimbundu, retirado de uma edição do livro *Nosso Musseque*, de Luandino Vieira (detalhes da obra no capítulo Referências).

Cafofa: Cega; pitosga.

Cafuca: Bichinho que se infiltra na areia, deixando um vórtice onde caem as presas.

Cafucambolar: dar cambalhotas.

Cagunfas: medroso; covarde.

Calcinhas: (depreciativo) que se veste à européia.

Cambular: Aliciar; raptar.

Cambuta: baixinho.

Camucala: Monstro só com metade do corpo, ao alto.

Camuela: avarenta; egoísta; mesquinha.

Candingolo: bebida fermentada de milho.

Cangundo: Branco ordinário, sem educação.

Caniço (voz de): fina.

Capanga: parte posterior do pescoço, cangote; braço dobrado à volta do pescoço (golpe de luta).

Capiango: roubo; furto.

Capianguista: larápio; ladrão de coisas pequenas.

Cap'verde: caboverde; no texto, caboverdiano.

Cariengue: sistema de trabalho que emprega mão-de-obra avulsa: trabalho temporário.

Cassandra: mulher branca de má educação.

Cassumbula: Jogo infantil de assalto, por efeito de pacto entre os jogadores.

Catandú: Casca do bordão.

Catete: Pássaro cinzento-claro.

Catetes: naturais de Catete, localidade a leste de Luanda.

Cavalmarinho: o mesmo que cavalo-marinho ou chicote cavalo-marinho: chibata feita de couro ou cauda de hipopótamo.

Caxexe: Pássaro azul-celeste.

Cazumbi: Alma do outro mundo.

Chiça!: porra!

Chulo: que explora a mulher, que vive à custa da mulher.

Cipaio: policial africano do tempo colonial.

Cocaiar: espreitar.

Cuacar: o grasnar dos patos.

Dicanza: Instrumento musical; reco-reco.

Diquixe: Monstro de mil-cabeças.

Dixita: Lixeira.

Dongo: Canoa.

Ená: interjeição de admiração, equivalente a “eta”; exclamação de espanto.

Esquadra: delegacia de polícia.

Falhaço: tentativa frustrada.

Fanguista: larápio. Gatuno.

Fardo: roupa usada que vinha enfardada, em pacotes, do exterior (Portugal, EUA) para ser vendida.

Fator: o controlador de bilhetes, das passagens.

Fiel: almoxarife.

Fimba (dar...): Mergulho; mergulhar.

Fuba: Farinha.

Funji: Massa cozida de farinha.

Gajaja: Fruto, ácido, da gajajeira.

Gajajeira: Árvore terebintácea.

Güeta da tuji!: branco de merda!

Guico: Pau de mexer o funji.

Gumbatetes: gênero de insetos himenópteros, cuja larva parasita outros insetos.

Gungo: Pássaro castanho-claro.

Haka!: Livra! Irra!

Homê! (também Homé!): Homessa!

Icolibengo: natural da região de Icolo e Bengo, perto de Luanda.

Imbamba: Coisa; pertence; traste; bagagem.

Imbondeiro: baobá.

Januário: Pássaro canoro, vermelho e branco.

Jindungo: pimenta malagueta pequena.

Jinguba: Amendoim.

Jinguna: inseto; formiga branca alada.

Jogar a bandeira: Jogo da bandeira inglesa, com pedrinhas (equivalente ao jogo do galo).

Jogo da bilha: Jogo do berlinde.

Kuanza: principal rio de Angola; nasce no planalto do Bié e deságua ao sul de Luanda.

Kinaxixi: musseque de Luanda.

Lâmpia: Nas rifas, a que é “branca”, sem número.

Larar: defecar.

Leia: alheia.

Lixeira: musseque de Luanda.

Luando: esteira de papiro que enrola no sentido da largura.

Maboque: Fruto do maboqueiro (*Strychnos siphosa*). Fruta ácida de casca dura, que se come simples, com açúcar ou na forma de refresco.

Maca: Conversa; questão; disputa; caso; assunto.

Macunde: Feijão pequeno (equivalente ao feijão-frade).

Macuta: moeda antiga da colônia.

Madía, Madí'é: Maria.

Makutu!: Mentira!

Mangonheiro: Lento; preguiçoso; indolente.

Manguito: gesto obsceno feito com os dois braços.

Maquezo: cola (espécie de noz) e gengibre, mastigados para enganar a fome.

Marimbombo: Vespa.

Marreco: corcovado; corcunda.

Massambala: sorgo; grama.

Massembe: Umbigada, em dança.

Massúica: pedras que servem de tripé para fazer fogo; trempe.

Matacanha: espécie de pulga que penetra na pele.

Mataco: Nádegas; traseiro.

Matete: Massa de farinha cozinhada, inconsistente, rala.

Matias: pássaro.

Matuba: Testículo.

Matumbo: Ignorante; estúpido.

Mauindo: saco de ovos da bitacaia.

Maximbombo: ônibus.

Mbaxi — Sebastião.

Mbengu: rio de Angola, a norte de Luanda.

Meia-sandes: meio sanduíche.

Menequeno: Cumprimento; saudação.

Merengar: dançar o merengue (ritmo musical).

Micondo: Doce em feitio de argola, muito rijo; cavaca.

Mona: Criança; filho.

Monandengue: Criança; jovem.

Monangamba: carregador.

Moringue/muringue: cântaro; pote de barro para água.

Múcua: Fruto do imbondeiro.

Mulemba: Árvore de grande porte.

Mutamba: nome de um largo de Luanda.

Musseque: bairros da periferia de Luanda

Mutopa: cachimbo indígena.

Muximar: falar ao coração.

Muxixe: Árvore de grande porte.

Muxixeiro: O mesmo que muxixe.

Muxoxar: Fazer ruído de desprezo, indiferença, com os dentes e os lábios.

Muxoxo (pôr...): O mesmo que muxoxar.

Nakuetuêé! (também nakue-tuê!): Acudam! Socorro!

Nga: forma abreviada de dizer Ngana, senhora.

Ngana: Senhora; senhor.

Ngoma: tambor.

Ngueta: Branco ordinário.

Ngueta camuelo: Branco ordinário e mesquinho, avarento.

Ngueta da tuji: Branco ordinário de merda.

Pacassa: boi selvagem, semelhante ao búfalo.

Palheto: tipo de vinho tinto, de cor pouco carregada.

Peúga: meia.

- Pírulas:** certo pássaro de coloração azul-clara, bico longo e canto vigoroso.
- Piápias:** andorinhas.
- Pica:** o mesmo que pica-flor; beija-flor.
- Plimplau:** Pássaro acinzentado.
- Pópilas!:** Caramba! Ora bolas!
- Possa!:** interjeição que equivale aproximadamente a “puxa vida!”.
- Quedes:** Sapato de lona e borracha, de fabrico local.
- Quicuerra:** Mimo feito de farinha de mandioca, açúcar e jinguba.
- Quileba:** alto e magro.
- Quigoza(s) (brincar às...):** Pendurar-se nas traseiras de veículo de carga.
- Quigozar:** Brincar às quigozas.
- Quimbombo:** bebida fermentada de milho.
- Quinda:** Cesto pequeno e baixo.
- Quinjongo:** Gafanhoto grande.
- Quiqüerra:** farinha de mandioca e açúcar.
- Quissemo:** zombaria.
- Quissende:** repreensão; ato de não aceitação; recusa.
- Quissonde:** Formiga vermelha, grande e agressiva.
- Quitaba:** Petisco feito de amendoim, sal e jindungo amassados.
- Quitande:** refogado de purê de feijão temperado com azeite-de-dendê.
- Quitata:** Prostituta.
- Quitoto:** Bebida tradicional, cerveja de milho.
- Rabo-de-junco:** pássaro frugívoro, de plumagem acastanhada e cauda comprida.
- Rebita:** Dança tradicional angolana, de quadrilha, com umbigada.
- Rede-a-rede (fazer uma...):** Jogo de bola, de dois guarda-redes, baliza a baliza.
- Reviengar:** Passar pelos obstáculos com movimentos rápidos do corpo; fintar; piruetar.
- Rosqueiro:** sodomita.
- Sacrista:** sacana.
- Salalé:** Formiga branca; térmite.
- Sambizanga:** musseque de Luanda.
- Sape-sape:** árvore da família da fruta-pinha.

Sande: sanduíche.

Sanga: Cântaro para água.

Sardão: espécie de lagarto.

Senga: Baixio.

Suinguista: farrista; bailarino.

Sukua'!: expressão que equivale aproximadamente a “bóias!”.

Sukuama!: Poça! Porra! Arreda!

Sungar: Puxar (para cima).

Sungadibengo ou sungaribengo: Mulato; mestiço (sentido depreciativo).

Sunguilar: Seroar; passar o serão.

Tipóia: palanquim de rede.

Tomba: remendo no sapato.

Tuji: Merda; excremento.

Tunda!: rua!; sai!

Uatobar: Fazer pouco; troçar; ridicularizar.

Uatobé!: Seu parvo!

Uatobo!: É parvo!

Verdiano: caboverdiano.

Viococo!: Expressão para troçar do que alguém diz; expressão de enfado ou de repulsa.

Vuzar: bater com força; arrancar.

Xacatar: Arrastar os pés; deslizar.

Xalada: maluca; doída.

Xatete: Camião ou camioneta de cabina avançada; diz-se também do nariz achatado (ou xetete).

Xaxualhar: Restolhar; o ruído do vento nos ramos e folhas.

Ximba: (gíria) cipaio.

Ximbicar: empurrar o barco com uma vara longa.

Xinguilar: invocar os espíritos.

Xuculular: revirar os olhos em sinal de desprezo, raiva ou ódio.

Zuna: Com muita velocidade (do verbo zunir).

EXPRESSÕES EM KIMBUNDU

Ai mon'ami, mon'ami, a-ku-vualele uaxikelela, a-ku-vualele uaxixima...: Ai, meu filho, meu filho, pariram-te preto, pariram-te desgraçado...

Aiuê, Ngana Zambi ê!: Ai, meu Deus!

Aiuê, aiuê, mam'etu ê!: Ai, ai, minha mãe!

Aiuê, lamba diami!: Ai, coitado de mim!

Ala kiá ku kuata: vim para casa da senhora Bina; estão já a agarrar.

Ambul'o kuku: deixa o avô; larga o velho.

Katul'o maku, sungadibengu: Tira as mãos, mulato.

Kilombelombe kejidiê ku dimuka: kama ka-mu-dimuna...: O corvo não sabia ser esperto: uma coisinha de nada é que o despertou...

“m'bika a mundele, mundele uê”: “escravo de branco, branco é”

Mu muhatu mu 'mbia! Mu tunda uazele, mu tunda uaxikelela, mu tunda uakusuka...: A mulher é como a panela: dela sai o que é branco, o que é preto, o que é vermelho...

Ngala ngó ku kakela: estava apenas a cacarejar.

Polo ia Hima: cara de macaco.

Sung'ó pé!: puxa o pé!

Sung'ó pé tundé... tundé... tundé... sung'ó pé...: Puxa o pé... rua... rua... rua... puxa o pé...

6. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê, 2005.
- _____. O projeto literário angolano: a identidade a contrapelo. In: CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique – experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- _____. **A formação do romance angolano – entre intenções e gestos**. São Paulo: FBPL, Via Atlântica, 1999.
- CIONE, Vinicius Melleu. A luta anticolonial angolana em Luandino e Pepetela. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 64-88, jul. 2012. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88860>>. Acesso em: 3 jan. 2020.
- CONCEIÇÃO, Juvenal de C. **Revista Veja: Um olhar sobre a independência de Angola**. 1a. ed. São Paulo: Gandalf Editora, 2009. v. único.
- _____. Stuart Hall para pensar as representações da África. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 56, p. 393-407, 2016.
- GRECCO, Gabriela de Lima. [História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação](#). **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 6, n. 11, p. 39-53, jul. 2014. Disponível em:<<https://rbhcs.com/rbhcs/issue/view/11>>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2013.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à História Contemporânea**. Editora Selo Negro. São Paulo, 2005.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. vol. 74. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LE GOFF, J. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, J; NORA, P. (Org.) **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARCON, Frank Nilton. **Leituras Transatlânticas: Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. UFSC. Florianópolis, 2005.

MATA, Inocência. Refigurando o espectro da nação. **O Marrare: Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa**. Nº 13, ano 10, 2º semestre de 2010. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero13/inocencia.html>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

MATTOS, Tatiane Reghini de. **As vozes narrativas de Pepetela: A geração da utopia e Predadores**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2013.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África: Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico (1990-2005)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História. UnB. Brasília, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. **História e literatura: uma velha-nova história**, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em 22. ago/2019.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1981.

_____. **Mayombe**. São Paulo: Ática, 1982.

_____. “Não se festeja a morte de ninguém”. [Entrevista concedida a] Rita Silva Freire. in: **Buala/originalmente publicada na Revista Caju**, no dia 30 de Dezembro de 2011. Disponível em <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela> (acessado em 30.8.2019).

PINTO, João P. H. Literatura e identidade nacional em Angola. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 2, n. 3, p. 105-132, jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9104>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inês. **Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. **Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003.**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acessada no dia 20 de outubro de 2019.

_____. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acessada no dia 20 de outubro de 2019.

SERRANO, Carlos. O romance como documento social: o caso de Mayombe. **Revista Via Atlântica**, n. 3, p. 132-139, dez. 1999. (Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49013/53091>>. Acesso em: 21 ago. 2019.)

TOPA, Francisco. Elementos complementares para uma bibliografia de Manuel dos Santos Lima. In: TOPA, Francisco(org.). **Manuel dos Santos Lima, escritor angolano tricontinental**. Porto: CITCEM / Edições Afrontamento, 2016. p. 183-195.

VIEIRA, Luandino. A Literatura se alimenta de Literatura. Ninguém pode chegar a escritor se não foi um grande leitor. [Entrevista concedida a] Joelma G. Santos. **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária**, Recife, v. 21, n. 1, p. 279-290, nov. 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1388> (acessado em 3.9.2019)

_____. “Lusofonia é um processo de choques e lutas”. [Entrevista concedida a] Guilherme Freitas. **Prosa – O Globo (blog)**, nov. 2010. Disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/luandino-vieira-lusofonia-um-processo-de-choques-lutas-338445.html> (acessado em 3.9.2019)

_____. **Luuanda**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

_____. **Nosso musseque**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.